



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CARMEN RODRIGUES FRÓES PEDRÃO

**O QUE SE ESCONDE POR TRÁS DO USO DAS
PREPOSIÇÕES A E EM**

Londrina
2002

CARMEN RODRIGUES FRÓES PEDRÃO

**O QUE SE ESCONDE POR TRÁS DO USO DAS
PREPOSIÇÕES A E EM**

Dissertação a ser apresentada ao
Programa de Pós-graduação em Letras
como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre .

Prof^a. Orientadora: Dr^a. Sônia Maria
Lazzarini Cyrino

Londrina

2002

CARMEN RODRIGUES FRÓES PEDRÃO

**O QUE SE ESCONDE POR TRÁS DO USO DAS
PREPOSIÇÕES A E EM**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Sônia Maria Lazzarini Cyrino
Universidade Estadual de Londrina

Prof.^a Christina Abreu Gomes
Universidade Federal Rio de Janeiro

Prof.^o Ludoviko Camasciali dos Santos
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 25 de março de 2002.

DEDICATÓRIA

À dualidade da vida que me fez nascer de Esperidião e Joaquina sob o signo de gêmeos, encontrar João Angelo, minha alma gêmea, ter Aline e Melina minhas filhas gêmeas.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Dados do Século XVI	53
Tabela 2 Dados do Século XIX	53
Tabela 3 Dados do Século XX e XXI.....	54
Tabela 4 Gênero de Sintagma Séc. XVI	58
Tabela 5 Ordem na Frase - Séc. XVI	58
Tabela 6 Documento - Séc. XVI	59
Tabela 7 Significação da Preposição- Séc. XVI	60
Tabela 8 Flexão Verbal - Séc. XVI	61
Tabela 9 Contração das Preposições- Séc. XVI	61
Tabela 10 Gênero do Sintagma - Séc. XIX	63
Tabela 11 Ordem na Frase - Séc. XIX	63
Tabela 12 Documento Séc. XIX	64
Tabela 13 Significado da Preposição - Séc. XIX	64
Tabela 14 Flexão do Verbo - Séc. XIX	65
Tabela 15 Contração das Preposições Séc. XIX.....	66
Tabela 16 Gênero do Sintagma - Séc. XX e XXI.....	67
Tabela 17 Ordem na Frase Séc. XX e XXI.....	68
Tabela 18 Documento Séc. XX e XXI	68
Tabela 19 Significação da Preposição Séc. XX e XXI.....	68
Tabela 20 Flexão Verbal Séc. XX e XXI	70
Tabela 21 Contração das Preposições Séc. XX e XXI.....	70

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 Preposição A Através dos Três Séculos.....	74
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	14
2 MUDANÇA LINGÜÍSTICA	15
2.1 PORTUGUÊS DO BRASIL UMA MUDANÇA DO PORTUGUÊS EUROPEU?	15
2.2. O QUE É MUDANÇA	16
2.3 GRAMÁTICA GERATIVA E CONCEPÇÃO DE MUDANÇA	18
2.4 SOCIOLINGÜÍSTICA QUANTITATIVA E MUDANÇA	19
2.5 A MUDANÇA SOB O PONTO DE VISTA MULTIDISCIPLINAR	20
2.6 CONCLUSÃO	22
CAPÍTULO II	23
3 II AS PREPOSIÇÕES A E EM NAS GRAMÁTICAS NORMATIVAS	24
3.1 A IMPLANTAÇÃO DA NORMA CULTA NO BRASIL DO SÉCULO XIX	24
3.2 GRAMÁTICA PORTUGUESA DO SÉCULO XVI	27
3.3 ALGUMAS GRAMÁTICAS NORMATIVAS MODERNAS	27
3.4 ESTUDOS QUE APONTAM DIFERENÇA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	32
3.5 CONCLUSÃO	35
CAPÍTULO III	36
4 AQUISIÇÃO DE LÍNGUA E PREPOSIÇÃO A E EM	37
4.1 AQUISIÇÃO DAS PREPOSIÇÃO A E EM NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	37
4.2 PREPOSIÇÕES E AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA	38
4.3 CONCLUSÃO	50
CAPÍTULO IV	51
5 METODOLOGIA	52
5.1. VARBRUL	54
5.2. FATORES CONSIDERADOS	55
6 CAPÍTULO V RESULTADO DE ACORDO COM O SÉCULO	57
6.1 PREPOSIÇÃO A NO SÉCULO XVI	57

6.1.1 Conclusão Século XVI.....	62
6.2 PREPOSIÇÃO A NO SÉCULO XIX	62
6.2.1 Conclusão do Século XIX.....	66
6.3 PREPOSIÇÃO A SÉCULO XX E XXI	67
6.3.1 Conclusão Século XX e XXI	71
6.4 DISTRIBUIÇÃO DE A NOS TRÊS SÉCULOS	71
7 CONCLUSÃO	75
REFERÊNCIAS	77
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	81
DOCUMENTOS CONSULTADOS PARA O CORPUS.....	87

PEDRÃO, Carmem R.F. **O que se esconde por trás do uso das preposições A e Em** 2002 Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Estadual de Londrina: Londrina

RESUMO

O emprego da preposição *em* com verbos de movimento é colocado como sintaxe típica do português brasileiro, em detrimento do uso da preposição *a* com esses mesmos verbos, tida como sintaxe típica do português europeu. Apesar disso ainda se emprega *a* no português falado no Brasil. Entre os fatores extra-lingüísticos que deram suporte a permanência de *a* está o modo como foi implantada a norma culta no século XIX pela elite portuguesa. Um dos fatores condicionantes que influenciam o emprego de *a* é o núcleo do SN que acompanha essa preposição ter o gênero masculino, outro fator relevante é significação, quando *a* indica noção. Estudo de aquisição do português brasileiro tendo como informante uma criança de dois anos, mostra que na gramática internalizada dessa criança não aparece a preposição *a*. Já a preposição *em* consta entre as primeiras adquiridas pela criança juntamente com *para* e *de*. Esse fato de crianças brasileiras não possuírem *a* na sua gramática interna mostra que houve uma mudança, onde os falantes brasileiros optam por *em* ao invés de *a*. Este trabalho, baseado em um corpus composto por relato, cartas, peças de teatro, procura observar o caminho das preposições *a/em* desde o português do século XVI que deu origem ao português brasileiro até nossos dias, e quais os fatores condicionantes que influenciam no emprego de uma e de outra preposição.

Palavras – chave: Língua portuguesa. Sintaxe. Preposições. Lingüística.

ABSTRACT

The use of the preposition *em* with movement verbs is typical for Brazilian Portuguese syntax as opposed to the use of the preposition *a* with the same verbs in European Portuguese. Among the extra-linguistic factors that maintain *a* is the way that it was introduced in the language in the XIX century by Portuguese elite. One of the linguistic factors that have influence in the use of *a* is the fact that the SN nucleus that follow this preposition has the neutral gender. Another factor is the preposition meaning of "notion". A study about Brazilian Portuguese language acquisition that had a two year old child as informant shows that in this child's internal grammar there is no preposition *a*, but the preposition *em*, which was the first to be acquired by the child, together with *para* and *de*. This fact shows that there has been a change in Brazilian Portuguese. This work was based on a corpus with letters, plays and accounts in order to observe the preposition *a/em* since XVIth century Portuguese until today and to discover what factor influenced the use of *em* rather than *a*.

Key – words: Portuguese language. Syntax. Prepositions. Linguistics.

1 INTRODUÇÃO

Originalmente, as relações, que nas línguas modernas são expressadas pelas preposições, eram estabelecidas pelos casos. No Latim existiam seis casos, quais sejam: nominativo, genitivo, dativo, acusativo e ablativo, este último seria uma junção de dois casos locativo e instrumental.

Na passagem do Latim para o português, as preposições, de simples advérbios, adquirem valor transitivo passando assim a governar o caso referente ao regime do verbo por elas modificado.

O uso cada vez mais constante de preposições no Latim vulgar ocasionou a perda de seu sistema de casos de onde o português herdou não um sistema marcado de casos, mas um sistema de dependência entre os constituintes de uma sentença. Neste sistema, a relação de dependência é estabelecida por preposições. O português deve ter experimentado momentos em que uma mesma preposição latina cumpria, além da função relacional, outras funções semânticas.

Este acúmulo de funções de uma mesma preposição possibilitou a ampliação de domínio semântico de algumas preposições chegando a invasão do domínio uma da outra criando confusão na aplicação prática das mesmas.

As preposições *a* e *em* são tidas como exemplo de interpenetração de domínios semânticos, pois, na transição do Latim para o português, *em* exprimia interioridade com referência tanto a lugar quanto a tempo, enquanto a preposição *a*, direção no sentido de adjunção, mas não de interioridade.

Segundo Faraco (1998), houve ampliação de *a* para indicar interioridade no lugar de *in*, indicando movimento até, e entrada em algum espaço. Deste modo correspondente a *ire in silvam*, o português moderno apresenta *ir à floresta*.

O fato de falantes do português brasileiro não utilizarem a construção acima com a preposição *a* em nossos dias, devido a mesma construção também ser empregada com a preposição *em* desde que o português europeu chegou ao Brasil, é o problema central deste estudo.

Nossa experiência em sala de aula, nos mostra que a maioria dos alunos, bem como seus pais, usam a expressão: "*ir **na** floresta*".

Alguns exemplos da variação de uso das duas preposições, já no século XVI são os seguintes:

Fomos na volta do mar.(Gil Vicente - Auto da Índia)
 Fomos ao rio de Meca,
 chegou ao porto de Ormuz (Barros, João de, Ásia)
 foi porque chegando ele do mar roxo em Goa...

Alguns exemplos do século XIX:

coloca-o no chão (França Júnior - Maldita Parentela)
 coloca-o a um canto

Observaremos, neste trabalho, como as gramáticas normalizam o emprego das preposições acima. De posse de tal informação, verificaremos quais são as bases para que estes compêndios tenham fixado este tipo de norma para com estas partículas.

Também é de interesse tentar identificar, se existem e quais seriam os fatores condicionantes, que fazem com que se empregue mais a preposição *em* do que a preposição *a* no decorrer dos séculos pesquisados.

Das muitas questões que poderíamos formular para o problema aqui analisado, nos darão suporte as seguintes: por que os falantes brasileiros utilizam a preposição *em* onde as gramáticas escolares afirmam que se deve utilizar a preposição *a*? Em que os gramáticos se basearam para construir tal regra? Os falantes brasileiros estão expostos às duas preposições quando adquirem o português brasileiro? O fato de existir a crase (fusão do artigo *a* mais a preposição *a*), doravante *a+a*, ambos com sons idênticos em português brasileiro, faz com que o falante evite utilizar esta construção e opte pela contração da preposição *em* mais o artigo *a*, se o complemento do verbo é um SN, cujo núcleo possui gênero feminino?

Se a resposta para a última questão for sim, por que falantes de português brasileiros evitam a construção *a+a*?

Finalmente, tentaremos observar se esta variação entre uso de *em* e *a*, faz o português brasileiro ser mais conservador ou inovador em relação ao português europeu. As bases teóricas são a Teoria Gerativa e a Sociolinguística Quantitativa.

Foram coletados dados de três séculos para formarmos o corpus deste estudo. Estes dados codificados foram inseridos no programa utilizado por várias áreas da Lingüística, denominado VARBRUL. O uso deste programa, cujas bases são análises quantitativas, possibilita ao pesquisador saber além de números percentuais, o peso relativo com que cada fator levado em consideração contribui no processo de mudança.

Este trabalho se compõe de seis capítulos. No primeiro, observaremos umensaio de Castilho (apud Ilari, 2000, p.213-269) sobre a implantação da língua portuguesa no Brasil. Em seguida, a mudança lingüística propriamente dita, do ponto de vista da Gramática Histórica, e das teorias da Gramática Gerativa e Sociolingüística Quantitativa.

Obtidas as bases das duas teorias, tentaremos nos moldes de Ramos (1992), utilizar as convergências entre as duas concepções de mudança, para a análise do problema em questão: a variação diacrônica no uso das preposições *a* e *em* com alguns verbos de movimento, desde que o português foi implantado no Brasil até os dias atuais.

O segundo capítulo trata das diferenças entre o que é prescrito pelas gramáticas normativas para as preposições *a* e *em*, e alguns estudos que afirmam que o falante brasileiro não as emprega de conformidade com tais normas em alguns casos específicos. Inicia discutindo como se deu a implantação da norma culta no Brasil do século XIX. Esta norma culta, foi e é determinada pelas gramáticas normativas, cujas raízes remontam à antiga gramática de língua portuguesa de João de Barros. As gramáticas atuais, então, são produtos daquela originada no século XVI. Analisamos algumas delas e o modo como prescrevem a utilização das preposições *a* e *em*. Finalmente fizemos uma comparação com estudos que apontam diferenças no uso do português brasileiro em relação a esta gramática prescritiva, no que se refere ao uso das preposições *a* e *em*.

No terceiro capítulo, alguns trabalhos que tratam de preposições e aquisição de língua são resenhados. A Gramática Gerativa pretende relacionar mudança e aquisição de língua. Resenhamos alguns trabalhos: Perroni, Ramos, Netz e Gomes, pois acreditamos que podem nos auxiliar no nosso estudo. Apesar de não tratar especificamente da aquisição de *a* e *em*, Perroni estuda a aquisição de *para* numa criança brasileira e observa que junto a esta preposição surge também a preposição *em*, que é uma das variáveis que nos interessa. Ramos estuda as

dificuldades de brasileiros para adquirirem o sistema de preposições do inglês. Um dos problemas que fazem com que haja dificuldades, encontra-se, de acordo com a autora, no fato de haver uma só preposição em português para traduzir as preposições inglesas: *in*, *on* e *at*. Netz estuda as dificuldades na tradução automática de um programa de computador, no que se refere às preposições, devido a falta de sincronia entre português e inglês. Finalmente, Gomes trata do uso variável das preposições *a*, *de*, e *em* quando introduzem complemento dativo de alguns verbos transitivos.

No quarto capítulo é descrita a metodologia. Coletamos dados de quatro séculos em relatos, peças de teatro de autores populares, cartas e jornais. O século XVI, foi escolhido devido ao português deste período ser o que foi introduzido no Brasil pelos nossos colonizadores. A partir desta língua introduzida pelos descobridores, formou-se a norma culta que acredita - se implantada no século XIX, motivo pelo qual este século também foi selecionado. Por fim, o final do século XX e início do século XXI, para observar como está a mudança nos dias atuais.

Os resultados, por século, são avaliados no quinto capítulo. Analisam-se concomitantemente os percentuais e pesos relativos.

No último capítulo, apresentamos nossa análise do fato pesquisado e uma tentativa de resposta à questões formuladas na Introdução, assim como, há também uma tentativa de levantar outras possibilidades de estudos que possam aprimorar este que aqui fica.

CAPÍTULO I

2 MUDANÇA LINGÜÍSTICA

Neste capítulo, antes de discutirmos a mudança lingüística propriamente dita, observaremos um ensaio de Castilho (apud Ilari, 2000, p.213-269) sobre a implantação da língua portuguesa no Brasil. O autor discute se o português brasileiro seria uma mudança inovadora ou conservadora do português europeu. A seguir, veremos como a Gramática Histórica concebe a mudança lingüística. Também é assunto deste capítulo, de que modo a Teoria Gerativa e a Sociolingüística Quantitativa explicam a mudança em uma língua. A partir desta análise tentaremos, nos moldes de Ramos (1992), utilizar as convergências entre as duas concepções de mudança para a análise do problema em questão: a variação diacrônica no uso das preposições *a* e *em* desde o português europeu até o português brasileiro.

2.1 PORTUGUÊS DO BRASIL UMA MUDANÇA DO PORTUGUÊS EUROPEU?

Ataliba T. de Castilho (in Ilari, Lingüística Românica, p.239), discute a implantação do português no Brasil observando que os colonos portugueses procediam de todas as regiões de Portugal. Quando da chegada dos portugueses, um número um pouco maior do que um milhão de indígenas distribuídos em 300 línguas habitavam o Brasil.

No período do Brasil colônia duas línguas foram descritas o tupinambá falado de São Paulo ao Maranhão, e o karir falado em Sergipe, algumas partes da Bahia e de Pernambuco.

O português esteve mais extensivamente exposto à influência das línguas africanas, pois foram trazidos para cá mais de 18 milhões de escravos negros que integravam a cultura Banto e a Sudanesa.

Consideradas as condições em que foi implantado o português houve três fases na sua história: o bilingüismo onde a população fala a língua geral ;a língua geral perde terreno, disseminando-se o português pela costa;a vinda de 18 mil portugueses em 1808 intensifica a reluzitanização do Rio de Janeiro.

Em decorrência dos estudos de que já foi tema, o português brasileiro é interpretado, às vezes, como um modalidade conservadora refletindo um falar quinhentista trazido pelos colonizadores que não sofreu as mudanças pelas quais passou o português europeu.

Dentro das características gramaticais apontadas como fenômenos que comprovam esta interpretação está a construção de verbos de movimento com a preposição *em*: *vou na feira*, no português brasileiro. Este tipo de construção acompanhada de sua variante: *vou à feira*, já era empregada na língua portuguesa que chegou ao Brasil no ano de 1500. Para a corrente inovadora, existe uma outra interpretação para a evolução do português brasileiro. Os fenômenos apontados como exemplo de inovação encontram-se abaixo:

O emprego de *a gente* por *nós*;

Verbo no infinitivo mais preposição mais infinitivo: *estou a falar*, utilizado em Portugal, enquanto que falantes brasileiros optam por: *estou falando*.

O ponto de partida destas vertentes é o português do século XVI que após cinco séculos pode estar mostrando um duplo aspecto de sua evolução: o falar brasileiro e o falar lusitano.

Veremos adiante a mudança lingüística propriamente dita, as visões que a Gramática Gerativa e a Sociolingüística Quantitativa têm da mudança.

2.2 O QUE É MUDANÇA

Mudança acontece em todas as línguas. É natural a todas elas, como ocorre com tudo que permeia o universo humano.

Cada estado de uma língua é resultado de um processo histórico de evolução e mudança pelo qual ela passou junto com o povo que a fala.

A partir do momento em que não houver comunicação em determinada língua, ou seja, se ela deixar de ser falada, não conhecerá mais mudanças. Entre os fatos que podem fazer com que isto aconteça estão a destruição através de extermínio de um povo por outro, ou a assimilação progressiva de uma sociedade por outra.

A mudança é contínua, lenta e gradual, isto significa que ela não acontece de forma abrupta, de hoje para amanhã.

As mudanças vão atingindo partes da língua até que passado um certo período, ao se comparar seus estágios no tempo, verificar-se-á as diferenças lingüísticas no percurso.

Uma possível justificativa para a morosidade e gradualidade da mudança lingüística funda-se na necessidade de os falantes terem a intercomunicação permanentemente assegurada. Desse modo, mudanças repentinas são impossíveis, uma vez que, se elas ocorressem, estaria destruída a base da interação social.

Pode haver períodos em que uma intensificação da mudança aconteça, mesmo assim, é gradual, continuando a atingir apenas partes da língua, e lento o suficiente para não prejudicar a interação socioverbal.

Mudanças lingüísticas não acontecem gratuitamente, sem rumo, caoticamente. Iniciada a mudança, ela se dá com regularidade e generalidade e atinge de forma sistemática o mesmo elemento, quando nas mesmas condições, em todos os pontos em que ele pode ocorrer na língua.

Essa regularidade permite o estabelecimento de correspondências sistemáticas entre duas ou mais línguas ou entre dois ou mais estágios da mesma língua, possibilitando sua reconstituição histórica.

Foi essa sistematicidade das correspondências entre diferentes línguas que ofereceu a possibilidade de se chegar ao método comparativo. Esse método permitiu comprovar-se cientificamente o parentesco entre línguas, o que por seu lado possibilitou reuni-las em grupos, reconstituindo aspectos dos seus ancestrais comuns.

Os estudos históricos são resultado da percepção de que a sistematicidade das correspondências entre os grupos de línguas em famílias são resultados de sucessivas mudança no eixo do tempo.

Embora a regularidade seja uma característica da mudança lingüística, ela não deve ser entendida como absoluta.

Levada a extremos a regularidade absoluta dificilmente consegue explicar de forma adequada a história das línguas, muito mais complexas do que se pode supor.

A partir de estudos dialetológicos, observou-se que embora seja característica da mudança, a regularidade é, geralmente relativa devido a ausência de uniformidade pelo qual se processa a difusão da mudança no interior da língua, pois, ela nunca alcança de forma instantânea todas as palavras que contém o elemento sob mutação. Além disso, entre os vários grupos de falantes a mesma mudança nunca alcança instantaneamente todo o espaço geográfico e ou social em que a língua é falada.

Sendo produto da atividade humana, as mudanças nas línguas estão submetidas à história peculiar de cada sociedade humana e a vida concreta dos homens que fazem esta história.

A seguir apresentaremos duas correntes em que se apoiará este trabalho e suas concepções de mudança lingüística a saber Gramática Gerativa e Sociolingüística Quantitativa.

2.3 GRAMÁTICA GERATIVA E CONCEPÇÃO DE MUDANÇA

A Gramática Gerativa concebe a mudança lingüística como uma substituição de uma gramática por outra resultado de variação paramétrica. Na teoria de Princípios e Parâmetros, o conjunto dos princípios constitutivos é comum a todas as línguas do mundo. Esses princípios são inatos e parte do patrimônio genético de todos os seres humanos, são também suficientes para possibilitar a aquisição da linguagem. Parâmetros constituiriam um conjunto finito de possibilidades que determinam a variação lingüística.

Exemplificando: um princípio comum a todas as línguas é que todas possuem sujeito; de acordo com o parâmetro de cada uma este sujeito será marcado ou não na sentença por um sintagma nominal ou apenas pela flexão verbal o que indicaria que esta língua possui o parâmetro do sujeito nulo.

Observando textos antigos constata-se que os parâmetros mudam seu valor no tempo histórico. Não é suficiente isolar um parâmetro e determinar seus efeitos. É necessário explicar de que modo, em algum momento da transmissão desse parâmetro entre as gerações mais jovens, foi dado um novo valor em detrimento do outro.

Estudando os mecanismos da mudança paramétrica através do tempo, é possível obter-se esclarecimentos sobre o processo de fixação de parâmetros, que desempenham papel fundamental na aquisição da sintaxe.

Fundamental para estes estudos diacrônicos na teoria gerativista é a hipótese de que a mudança gramatical se dá durante a fase de aquisição da linguagem. A mudança acontece no momento em que a criança escolhe valores paramétricos diversos daqueles que são parte da gramática dos adultos.

A pergunta crucial ou o problema lógico da mudança é: o que leva a criança a reanalisar certas estruturas de sua língua e não empregar uma gramática como a de seus pais?

A forma natural para se observar uma mudança paramétrica é por meio do reassentamento de parâmetros. A gramática antiga difere da nova por ter ao menos um parâmetro fixado de modo diferente. Se os novos dados surgem na aquisição da língua, o novo sistema vai gradualmente substituindo o velho e deste modo a língua vai ter mudado. No próximo item observaremos como a Sociolingüística Quantitativa vê a mudança.

2.4 SOCIOLINGÜÍSTICA QUANTITATIVA E MUDANÇA

A concepção de mudança ocupa um lugar especial na Sociolingüística, tratada como um processo e não como produto ou resultado. O que importa a esta linha de pesquisa é o movimento e a propagação de regularidades que surgem a partir da análise de um corpus.

Reconhecer a dinâmica da mudança e sua presença como elemento constitutivo da língua permite aliar história diacrônica com história sincrônica, através da uniformidade. Conforme este princípio o estudo de uma língua no presente pode fornecer explicações sobre o passado e vice-versa. Desta forma, a mudança é vista como evidência de que a heterogeneidade da língua não é algo caótico. Seria pré-requisito de uma língua para que ela pudesse ser utilizada como meio de comunicação possuir uma estruturação.

Estar em mudança seria o estado normal da língua. O fato da língua exigir sistematicidade é ao mesmo tempo pré-requisito tanto para seu uso como para sua aquisição.

O fato de a língua estar sempre em mudança precisa ser compatível com a necessidade de estar sempre sendo aprendida por crianças. A aquisição é, portanto, a primeira e a mais importante fonte de transmissão da língua entre os indivíduos de uma comunidade, sendo assim, somente o que está perfeitamente sistematizado na fala dos pais é transmitido à criança.

Desta aproximação entre análise sincrônica e análise diacrônica, surge o espaço para estudo com base no tempo aparente. Significa que um dado fenômeno variável, analisado quantitativamente baseado num grupo de pessoas de faixas etárias diferentes, num mesmo período de tempo, pode delinear uma mudança no tempo real.

Uma mudança é definida pela Sociolingüística Quantitativa como uma variação que com o passar do tempo, teve uma resolução, ou seja, uma das variantes deixou de ocorrer, sendo substituída por outra.

A seguir tentaremos uma aproximação entre a Sociolingüística Quantitativa e Gramática Gerativa nos moldes de Ramos (1992).

2.5 A MUDANÇA SOB O PONTO DE VISTA MULTIDISCIPLINAR

Partindo de respostas a questões gerais sobre mudança das duas correntes Gramática Gerativa e Sociolingüística Quantitativa, Ramos (1992) tenta utilizar as convergências entre as duas concepções para que se possa analisar uma determinada mudança, no caso do presente estudo, a variação diacrônica entre o uso das preposições *a* e *em* com verbos de movimento desde o português europeu aqui implantado até o atual português brasileiro.

A perda de uma propriedade paramétrica gera um período de instabilidade, caracterizado pela diminuição de freqüência no uso de determinada estrutura, que passa a ter estatuto gramatical diferente (reanálise diacrônica) `a medida que vai sendo substituída por outra. Conseqüência disso, seria que os dados lingüísticos relativos a essa propriedade a que a criança tem acesso durante

a aquisição, já não são "robustos ou salientes" e tendem com o tempo, a desaparecer ou se limitam a registros estilísticos ou marcadores de construção cristalizados. A partir daí chega-se a uma mudança paramétrica, ou seja a refixação de um determinado parâmetro Duarte(1995).

Na tentativa de utilizar a noção de variação paramétrica para descrever fenômenos de mudança sintática, analisados e tratados como fenômenos sociolingüísticos, surgem alguns problemas como por exemplo como se poderia explicar a ocorrência das formas que representam diferentes valores do mesmo parâmetro no mesmo espaço de tempo? Como tornar compatíveis as noções de gramática universal e mudança/variação sociolingüística?

Resposta a primeira questão é encontrada aceitando-se que os gráficos de mudanças registram alteração de valor [+] para valor [-]. No valor [+] está incluída a forma representativa do valor [-] e também outras formas.

O número destas outras formas torna-se cada vez menor, a freqüência das formas não-representativas da parametrização [-] diminui e tende a desaparecer.

Quanto a segunda questão para se buscar uma resposta é preciso reconhecer que no processo de mudança existe gramaticalização de ambas as formas variantes. Na Sociolingüística Quantitativa esta etapa é descrita como encaixamento lingüístico da mudança. É essencial que a alternância das formas lingüísticas em questão opção por *a* ou *em* apresente uma sistematização (social, estilística, gramatical). Como é feito um tratamento quantitativo, há a possibilidade de distinguir-se um par de forma que ocorreu esporadicamente de outro par de formas que ocorreu que seja uma variação e faça parte de um processo de mudança.

Se o percurso de uma mudança não é aleatório, mas sim guiado por diferentes forças lingüísticas e extralingüísticas, é razoável supor que princípios gerais orientem as mudanças.

Supondo-se que os fatores extralingüísticos ajam somente dentro dos limites que a gramática da língua permita, os princípios que determinam estes limites poderiam ser descritos como princípios universais. Esta conclusão é coerente com as suposições aceitas na Sociolingüística Quantitativa:

- a) Informações sobre uma mudança podem fornecer informações sobre a mudança em geral;
- b) forças que atuaram no passado são as mesmas que atuam no presente. Labov (1989:85 apud Ramos 1992).

Forças devem ser entendidas como a atuação dos fatores gramaticais, extragramaticais (funcionais e sociais).

Devido a grande diversidade apresentada pelos diferentes sistemas lingüísticos e sociais, a suposição de que assim mesmo o princípio da uniformidade atuaria, implica na aceitação de que sob a diversidade haveria uma certa uniformidade.

Levando-se em conta que fatores extralingüísticos atuam dentro dos limites definidos por fatores lingüísticos, apenas a uniformidade, que subjaz nos diferentes sistemas lingüísticos, seria fator relevante para sustentar a suposição de que o princípio da Uniformidade é válido. Poderia ser atribuída à especificidade da mente humana a uniformidade subjacente às diferentes línguas, isto poderia também ser descrito em termos de princípios e parâmetros tal como é feito pela Gramática Gerativa.

2.6 CONCLUSÃO

Expostas as concepções de mudança lingüísticas das duas teorias que darão suporte a este estudo. Exposta também a noção de mudança lingüística de forma geral, acreditamos que a variação diacrônica entre as preposições *a* e *em* pode ser analisada, senão como uma mudança lingüística do português brasileiro, pelo menos como parte de uma mudança, haja vista, Ramos (1992) sobre a marcação de caso em português, onde a autora verifica que não se emprega a preposição *a* para se marcar caso no português atual. Gomes (2000), trata sobre o desaparecimento da preposição *a* e sua substituição por *para*. A participação da variação de uso de *a/em* com verbos de movimento, pode fazer parte de uma mudança em andamento onde *a* estaria desaparecendo em todas as suas formas lingüísticas que representassem preposições. Tentaremos estabelecer se esta

variação que pode fazer parte de uma mudança tem um caráter inovador ou conservador conforme Castilho (2000).

No próximo capítulo, falaremos sob o caráter prescritivo das gramáticas, observaremos o que trazem algumas gramáticas com relação às preposições *a* e *em*.

Analisaremos também, um manuscrito de Pagotto sobre a implantação da norma culta no Brasil do século XIX. O objetivo é observar a força com que as gramáticas, através de suas prescrições, influenciam para que se empregue *a* ao invés de *em*, o que sustentaria o fato de ainda existir variação e a mudança ou parte da mudança de que o emprego de ambas as preposições faz parte ainda não ter se resolvido.

CAPÍTULO II

3 AS PREPOSIÇÕES A E EM NAS GRAMÁTICAS NORMATIVAS

Neste capítulo, falaremos sobre a implantação da norma culta no Brasil do século XIX baseados em Pagotto (MS-SD). O caráter prescritivo das gramáticas normativas atuais, que acreditamos terem suas bases na mais antiga gramática de língua portuguesa de João de Barros, e o poder que esses compêndios têm no que se refere a manutenção de *a*, no sentido de que normatizam que se deve empregar essa preposição com verbos de movimento. Faremos uma comparação com estudos que apontam diferenças no uso do português brasileiro em relação a esta gramática prescritiva de João de Barros, no que se refere ao emprego de *a/em* com verbos de movimento.

3.1 A IMPLANTAÇÃO DA NORMA CULTA NO BRASIL DO SÉCULO XIX

Pagotto (MS-sd) observa que um dos campos mais produtivos de estudos no Brasil é a linha que investiga a sintaxe do Português, bem como, o processo que a ela teria dado origem.

Grande parte destes estudos é dedicada a evidenciar o contraste entre o português europeu e o português brasileiro. Da mesma forma, o português de Portugal também tem sido objeto de estudos no que tange à passagem do português medieval para o português clássico e deste para o moderno português europeu.

Desta forma as duas realidades lingüísticas: português brasileiro e português europeu seguem diferentes caminhos com referência a mudança lingüística o que torna maior as diferenças entre elas.

É cada vez maior a distância, constatada a partir de estudos do português do Brasil, entre nosso vernáculo e a exigência na escrita e prescrita em manuais de gramáticas.

O argumento de Pagotto é que a partir do século XIX foi constituída uma nova norma culta no Brasil, produto de um longo e laborioso trabalho discursivo, conduzido por eminentes gramáticos, jornalistas, escritores.

A este longo e laborioso trabalho, ofereceu suporte o discurso científico na segunda metade do século XIX. De acordo com o autor, o estabelecimento da norma culta não acontece apenas devido às associações explícitas ou não com determinado grupo social, tão pouco é fruto de assentamento de alguns usos nas camadas mais escolarizadas da população, mas sim um processo integrado historicamente ao modelo de sociedade que uma certa elite deseja ver implantada, fundado na manutenção da estrutura de dominação.

O Romantismo em Portugal e a emergência da burguesia funcionaram como adventos responsáveis pela mudança da postura com relação a certas formas lingüísticas até aquele momento populares. Forjou-se então a atual norma culta portuguesa.

Se o Romantismo foi tão bem sucedido em Portugal no sentido de fornecer à língua literária, isto é, à norma culta novas feições, que a aproximava das mudanças em curso no português de lá, é estranho que o mesmo não tenha ocorrido no Brasil.

A realidade lingüística brasileira, apesar de ter um romancista como José de Alencar, que se esforçou para colocar em seus escritos o reflexo das mudanças em andamento na língua falada no Brasil, termina o século XIX com uma norma culta extremamente próxima do português europeu moderno.

A diferença entre a língua empregada pelo povo e a que era proferida pela elite brasileira no século XIX foi cuidadosamente construída.

Depois da vinda de D. João VI, esta elite não se preocupava mais com a independência. Somente quando a corte de Portugal movimentava-se para novamente transformar o Brasil em colônia, o que significava sem liberdade de comércio, é que, esta mesma elite se move para promover e sustentar a independência.

É no projeto político destas elites para o Brasil independente que reside o duplo enfoque: uma ruptura com o passado colonial, e ao mesmo tempo a procura de uma unidade cultural com o passado colonial que aproxime esta nação independente da civilização européia, uma das formas seria mantendo a norma culta.

Em outras palavras, do mesmo modo que é necessário romper politicamente com a Europa, é preciso também constituir uma elite que construa a imagem da nação para que esta mesma elite se mantenha em oposição aos outros segmentos.

Assim sendo, a história da norma culta no Brasil pode ser dividida em duas fases: segunda metade do século XIX até os anos trinta, quando prevalece o discurso polêmico onde se desenvolve o trabalho de fixar normas; e a partir dos anos quarenta quando ocorre o predomínio do discurso científico, e os falantes brasileiros já de certa forma obrigados a empregar essas formas lingüísticas, quando a manutenção desta realidade lingüística se dá sem mais polêmica.

O processo que excluiu o povo brasileiro através da língua, não aconteceu apenas de uma relação subjetiva e natural das formas lingüísticas com determinados grupos dominadores, também não foi somente devido a promoção de determinadas formas lingüísticas pelos aparelhos ideológicos do Estado, mas contou com um enorme trabalho discursivo onde uma identidade com o português de Portugal foi minuciosamente construída, uma vez que este trabalho discursivo tem sua expressão máxima no discurso científico sobre a questão.

A partir desse discurso científico torna-se possível legislar a exclusão, com a condescendência que a eficácia exige.

A norma escrita em Portugal e no Brasil muda na mesma direção, quando é sabido que a gramática vernácula do Brasil e de Portugal trilham caminhos opostos.

No próximo item, buscaremos argumentos para a divergência acima na gramática portuguesa do século XVI de João de Barros. Acreditamos ser este documento a base de todas as gramáticas que surgiram posteriormente.

3.2 GRAMÁTICA PORTUGUESA DO SÉCULO XVI

Fávero (1996) defende que os gramáticos portugueses Fernão de Oliveira e João de Barros, juntamente com os ortógrafos Pero de Magalhães Gândavo e Duarte Nunes Lião deram continuidade à tradição intelectual, lutando por um estudo do vernáculo, demonstrando um forte patriotismo que pretendia mostrar a superioridade do português diante especialmente da língua castelhana.

As características principais do período em que os autores acima produziram suas obras eram as seguintes:

preocupação com a semelhança entre a gramática portuguesa e a latina, devido ao prestígio do latim como língua de expressão culta ;autoritarismo gramatical criação de normas para uniformizar a ortografia;estudo profundo do léxico, produzindo dicionários;sentimento de superioridade patriótica da língua portuguesa em frente as demais.(Fávero,1996,p.23)

A gramática de João de Barros acompanhada da Cartinha foi, de acordo com Buesco (apud Fávero,1996, p.32), a obra mais representativa de espírito renascentista. Como outras cartinhas de época tinha a intenção de ser o primeiro livro para aprendizagem da língua materna e ensino da língua portuguesa para outros povos de outros continentes que não fossem latinizados.Este autor optou por uma gramática normativa onde o Latim é o ponto de referência.

Baseados nessas regras rígidas, alguns autores de gramáticas modernas prescrevem o uso de *a* e *em* com verbos de movimento.

Observaremos a seguir alguns deles.

3.3 ALGUMAS GRAMÁTICAS NORMATIVAS MODERNAS

Souza da Silveira (1964) discorre sobre as regras gramaticais no que concerne ao uso das preposições de forma categórica ex.:

Rege o objeto indireto propriamente dito:
 "disse ao cocheiro que esperasse." (M. de Assis, *Várias Hist.* 14).(...)
 Rege obrigatoriamente (na língua moderna) o objeto direto expresso por pronome pessoal átono:
 "Nem ele entende a nós nem nós a ele" (Camões, Lus., V.28) (p.223)

Neste capítulo da obra não se encontra nenhuma referência sobre a utilização de *a* e *em* com verbos de movimento. Apenas um comentário quando o autor esclarece que a preposição *a* indica instrumento, meio e modo:

Pode-se incluir nesta classe o seu emprego com os verbos limpar, enxugar, assoar. Cita exemplos fornecidos por Mário Ribeiro (pág. 277) de seu livro *Através do Dicionário e da Gramática*, todos de Camilo:
 "Depois, levantou-se, limpou as faces à manga da camisa," A tendência brasileira, neste caso, é a favor da preposição *em*:
 "Limpou as mãos no vestido, sem achar o que dizer."
 (Ribeiro Couto, *Cabocla*, 29). (p-227)

Como para quebrar este pequeno deslize da tendência brasileira, o autor coloca logo em seguida:

"Conservamos, porém, o bom uso português na frase feita: "*limpar as* mãos à parede"; e o nosso Alberto de Oliveira escreveu: "E eu a ver tudo! Ao lenço ocultamente A enxugar minhas lágrimas". (*Poesias*, 3ª série, 256). (p-228)

Rocha Lima (1972) ao discutir o emprego da preposição, comenta que devem subordinar um elemento da frase a outro, nesta subordinação o segundo elemento seria o complemento do primeiro. A palavra cujo significado será modificada é chamada de antecedente e a que segue a preposição chama-se conseqüente.

Após discorrer sobre os usos e significados da preposição *a*, o autor esclarece que é mais usada em Portugal do que no Brasil.

Quanto a preposição *em*, de acordo com o autor, indica principalmente lugar onde (interior ou exterior), tempo, estado, mudança de estado, modo.

Adiante explana que a preposição latina *in*, da qual, o *em* português é originário quando seguida de acusativo, podia ter sentido final, e nesta acepção foi substituída geralmente por *ad* correspondente ao *a* português, deixou alguns vestígios daquele emprego como : *em memória de*, etc.

Ainda discorrendo sobre a preposição *in*, Rocha Lima informa que ela se combina com acusativo (*in urbe ire*), e foi substituída, na maioria dos casos por *ad* e completa:

"Na sintaxe literária de nossos dias não é comum encontrar-se **em** com verbos de movimento (ir **na** cidade), a não ser como em certas construções como tornar em si, cair no laço..." (p-345)

Almeida (1973) inicia o capítulo XXXVII dizendo que a preposição é um conectivo, pertence à classe que desempenha função de ligação. O termo é originário do latim *prae* = diante de, mais *positionem*= posição, devido a se colocar entre duas palavras. A palavra que precede a preposição é completada pela que a segue.

Neste capítulo da obra estudada, o que nos interessa são a observação e as notas. O autor comenta que as preposições não têm significação intrínseca própria , mas relativa, dependente do verbo com que são usadas e repete uma advertência de Carlos Pereira:

...só o trato constante dos bons autores nos pode habituar ao manejo correto, elegante e vívido dessas importantes partículas.(p.300)

São várias notas, na primeira o comentário é sobre a acentuada tendência para colocar a preposição *a* em grande número de expressões na nossa língua. A advertência vem logo a seguir dizendo que quem a todo momento emprega a preposição *a* arrisca-se a praticar galicismos:

A preposição *a* pode indicar quietação, estada num lugar, assim como movimento para um lugar ex.:
 Estávamos **à** (=na) janela (quietação, estada, lugar onde).
 "Dirijimo-nos **à** (para a) janela (movimento, lugar para onde). (p-301)

Devemos perceber na citação acima que o autor coloca entre parênteses a contração *na* como sendo igual a contração que indica crase de *a + a*. Parece-nos no mínimo "agramatical" para quem diz alguns parágrafos acima que só o trato dos bons autores nos tornariam aptos a utilizar corretamente as preposições, dizer que "*estar à janela*" é igual a: "*estar na janela*".

Observamos, na próxima citação do autor, além de seu caráter prescritivo e intransigente, que para ele apenas *em* pode indicar "lugar onde". Como pudemos verificar na citação anterior, apesar de não ser empregada com verbo de movimento a preposição *a* tem o mesmo sentido de *em* "lugar onde".

"(4) a) Não devemos usar a preposição **em** com verbos de movimento, porquanto **em** indica lugar onde: " ir **ao** colégio" - e não " ir **no** colégio" - "chegar **a** um lugar", e não "chegar **em** ": chegamos **ao** Rio, cheguei **à** casa dele, cheguei tarde **a** casa, o avião chegou **ao** campo....(p-302)

Utilizada com os verbos *ir* e *vir*, continua o autor nas suas notas, esta preposição denota transitoriedade de movimento, ex.:

Vamos **à** Argentina. (ir a passeio, ir para voltar) - Veio **ao** Brasil(veio para visitar, veio transitoriamente)...(p-301)

Cunha (1985) sobre as formas das preposições diz que podem ser simples ou compostas. Simples quando expressas por um único vocábulo e compostas (locações prepositivas) quando constituídas de dois ou mais vocábulos, sendo o último deles uma preposição simples.

A relação estabelecida entre palavras ligadas por preposições implicam movimento ou não movimento, ou seja, exprimem um movimento ou uma situação daí resultante.

O movimento e a situação (termo que indica ausência de movimento) são considerados em referência ao espaço, ao tempo e à noção.

Embora as preposições apresentem grande variedade de usos, muito diferenciados no discurso, é possível estabelecer uma significação fundamental para cada uma delas. Os matizes significativos que cada preposição venha a adquirir nos mais diversos contextos serão advindos sempre de um conteúdo significativo fundamental e de sua aplicação aos campos espacial temporal e nocional.

Ao descrever os valores das preposições, Cunha refere-se assim às preposições *a* e *em*:

Preposição *a*:

1- Movimento = aproximação de um limite;

2- Situação = coincidência, concomitância;

a) no espaço:

Do Leme **ao** Posto 6, a viagem é proporcionada aos recursos menores que disponho. (Carlos Drummond de Andrade)

b) no tempo:

À distância destes anos já mal me lembro.

(Vergílio Ferreira)

c) na noção:

Andar **a** pé, no flanco dos motorizados, dá uma imprevista calma.

(Carlos Drummond de Andrade)

Preposição *em*:

1- Movimento = tendência para uma posição de contato ou de interioridade;

2- Situação = posição no interior de, dentro dos limites de, em contato com, em cima de:

a) no espaço:

Entro **na** venda para comprar uns anzóis...

(Rubem Braga)

b) no tempo:

Tudo aconteceu **em** 24 horas.

(Carlos Drummond de Andrade)

c) na noção:

Somos muitos Severinos

Iguais **em** tudo e na sina.

(João Cabral de Melo Neto)(p-387)

Cegalla (1996) define preposição como palavra invariável que liga um termo dependente a um termo principal ou subordinante, estabelecendo uma relação entre ambos.

As preposições, segundo Cegalla, dividem-se em essenciais e acidentais, e isoladamente são palavras vazias de sentido, mesmo que algumas

delas tragam uma vaga noção de tempo e lugar. A obra analisada não traz nenhuma referência sobre as preposições *a* e *em* que interessam a este estudo.

Após esta breve abordagem sobre o que as gramáticas normativas trazem sobre o emprego das preposições *a* e *em*, analisaremos alguns estudos do português falado no Brasil, os quais, demonstram que os falantes brasileiros optam pela preposição *em* quando empregam verbos de movimento.

3.4 ESTUDOS QUE APONTAM DIFERENÇA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Nascentes (1965), em seu estudo sobre o idioma nacional, faz várias críticas ao falante brasileiro:

O brasileiro erra muito no emprego do acento na contração (crase) da preposição *a* com o artigo definido *a*. (...)
No português do Brasil sente-se pouco este acento; daí, faltando o auxílio do ouvido, a freqüência dos erros. (p-100)

Apesar de considerar errado o uso da preposição por brasileiros, o autor admite haver um português do Brasil.

Lessa (1966) quando discorre sobre o modernismo e a sintaxe popular brasileira, esclarece que é na sintaxe que habita o gênio, a estrutura de uma língua. Portanto, dificuldades e objeções no que se refere à aceitação das divergências entre o português do Brasil e o português de Portugal residem aí. Enumera as principais diferenças entre os dois idiomas:

Nas camadas populares, porém, onde não se conhecem leis da gramática, as discordâncias neste ponto são patentes.

Enumeraremos as principais:

a) a colocação irregular dos pronomes oblíquos:

Me disseram, não dou-te;

b) a preposição em com verbos de movimento:

Vou **na** janela, cheguei **na** estação; (p-78)

c) o pronome reto ele, ela, eles, elas, como objeto direto:

Vi ele;

d) o uso de mim como sujeito de um infinitivo:

Para mim ver;

e) o verbo ter empregado pelo impessoal haver:

Tem gente nesta casa;

f) o verbo impessoal haver no plural: Houveram festas;

g) o verbo no plural com sujeito coletivo geral:

O povo foram." (p-78)

Das divergências que foram enumeradas por Ismael Coutinho (apud Lessa,1966,p.78), Lessa deparou-se com bastante freqüência com três. Aqui nos interessa apenas uma delas que é o emprego da preposição *em* com verbos de movimento. A este uso da preposição em questão, o autor afirma que pouco importa que tenham usado em Portugal este tipo de construção a quatrocentos anos atrás, pois nos dias atuais é sintaxe caracteristicamente brasileira. Abaixo alguns exemplos citados por Lessa:

"Quando **chegava numa** estação, ainda mais se aguçava a minha curiosidade" (J.L. do Rêgo.72)(...)

" O poeta **chega na** estação"(C. Drum. And.,45) (...)

Não se pense, entretanto, que não haja exemplos de outros verbos de movimento com a regência *em*, ao invés de *a* .Veja-se:

"Se um deus morrer **irei no** Piauí buscar outro!" (M. de Andrade,69);(...)

"Depois **voltou em** casa, fechou muito bem as janelas e portas..." (Guim. Rosa,67)(...)

"Estava tão embriagado, no fim, que os outros o foram **levar em** casa de automóvel" (Raç. Queir.,90)

"...**baleou** o outro bem **na nuca**. E **correu em** casa, onde o cavalo o **esperava na** estaca..." (Guim. Rosa, 68).

Outros exemplos poderiam ser aduzidos. Os que aí ficaram, no entanto, já são suficientes - parece-nos - para a cabal demonstração de nossa tese.(p-85-88)

Lessa está convicto quanto a necessidade dos gramáticos terem que ceder, pelo menos com referência a algumas destas características da sintaxe brasileira, pois continuando como tudo indicava iria acontecer, a penetração destas na língua escrita, em breve não seria mais lícito dizer que elas seriam próprias das camadas populares, onde não se conhecem as leis da gramática.

Câmara Júnior (1985), ao se referir às preposições, estabelece que funcionam em dois planos de significação gramatical. Um mais concreto, localização no espaço e, por conseguinte, no tempo. Deste decorre outro, de empregos modais, estado, origem, posse, finalidade, meio, causa, objetivo. Esclarecendo ser um estudo estrutural básico, Câmara Júnior contenta-se em explicar, em linhas gerais o plano locativo.

A situação geral é indicada pela preposição *em* (lat. *in*). A esta acrescenta-se uma localização dinâmica onde entram as noções de afastamento e de direção, esta última assinalada pela preposição *a* (lat. *ad*).

Com referência a direção, ocorreu uma ampliação do emprego de *a*, que correspondia ao Latim *ad*, além de indicar direção, esta preposição passou a indicar movimento com entrada em determinado lugar que era limitado por *in*.

No português moderno temos - *ir à floresta*, em vez de *ire in silvam*. Câmara Júnior explica que neste sentido a língua coloquial do Brasil conserva a construção anterior.

Teyssier (1989) no capítulo XV sobre preposições e conjunções, faz um estudo comparativo entre francês e português. Ao analisar verbos de movimento, precisamente o verbo *chegar*, faz o seguinte comentário:

Com chegar ("arriver") diz-se **a** em Portugal, p.ex. chegou **à** escola ("il est arrivé à l'école"). Mas diz-se muitas vezes chegar **em** no Brasil, p.ex. chegou **na** escola.
Para se exprimir o lugar em que se está, p.ex. estar **à** mesa ("être à table"), à janela ("à la fenêtre"), à frente de ("à la tête de"). - Em todos estes exs. A linguagem do Brasil prefere substituir **à** por **na**.(p-340-341)

3.5 CONCLUSÃO

Nas gramáticas normativas consultadas, realmente, no que se refere ao uso das preposições *a* e *em* com verbos de movimento, há uma tendência a se exigir que com estes tipos de verbos deve-se utilizar a preposição *a*. Acreditamos que este rigor seja herança do autoritarismo gramatical mencionado quando analisamos a gramática portuguesa do século XVI, cujo suporte está na implantação da norma culta no Brasil

Encontramos mais argumentos para formalidade, no momento em que João de Barros define gramática e suas partes, dizendo que é um vocábulo grego que significa ciência das letras, modo correto e justo de falar e escrever, retirado do uso e autoridade dos barões doutos. Com esta opinião corrobora Napoleão Mendes de Almeida, ao prescrever que apenas lendo bons autores que escrevem de acordo com as normas gramaticais estaríamos aptos a usar corretamente as preposições.

Como se pôde observar, nos exemplos e passagens retirados dos estudos, quando estes se referem às preposições, realmente, o caráter de prescrição e autoritarismo é patente.

Também concluímos que de acordo com os estudos que admitem existir um português do Brasil, é fato que a preposição *em* é mais utilizada com verbos de movimento.

A ampliação do emprego da preposição *a* comentada por Câmara Júnior, parece ser o início da nossa questão, pois, devido a esta ampliação passou a existir duas variantes para indicar direção: *a* e *em*.

A elite portuguesa que dominaria o Brasil no século XIX tomou como modelo o português europeu onde a construção com *a* era comum e bem aceita e estabeleceu como regra como já foi esclarecido quando comentamos a implantação da norma culta no Brasil.

Lessa (1966) através de seus exemplos colhidos de autores modernistas brasileiros, possui argumentos consistentes ao dizer que gramáticos teriam que ceder no tocante a algumas divergências. Certamente o uso dos verbos de movimento com a preposição *em*, ao invés da preposição *a*, é uma divergência a que os gramáticos deveriam ter cedido.

Essa variação de uso *a/em* parece-nos remontar às origens do português falado no Brasil, ou seja, ao português do século XV, onde acreditamos existirem duas construções indicando movimento em direção a algum lugar. Uma dessas construções com a preposição *a* e outra com a preposição *em*. Pode ter ocorrido uma bifurcação no caminho destas variedades, de modo que no Brasil é preferido o emprego de alguns verbos de movimento com *em*, enquanto em Portugal deve existir uma preferência por *a*.

No próximo capítulo, serão resenhados alguns estudos relacionados com aquisição de língua e preposições que podem nos auxiliar com mais argumentos na explicação e esclarecimento do problema.

CAPÍTULO III

4 AQUISIÇÃO DE LÍNGUA E PREPOSIÇÕES A E EM

Alguns trabalhos que tratam de preposições e aquisição de língua serão aqui resenhados. Um dos postulados da Gramática Gerativa é relacionar mudança e aquisição de língua. Uma abordagem dos trabalhos de Perroni, Ramos, Netz e Gomes que tratam deste assunto nos darão uma idéia de como se dá a aquisição de preposições no processo de aquisição de língua.

Perroni (1999), analisando a aquisição de preposições por uma criança brasileira, verifica o estatuto da preposição *para*. Ramo (1982) verifica as dificuldades de aquisição do sistema de preposições do inglês por brasileiros. Netz (1996), aborda o problema enfrentado na tradução automática, feita por programas de computadores, devido às diferenças entre o sistema de preposições do português brasileiro e do inglês. Gomes (1999) observa como se dá a aquisição de uma língua, denominada de contato, entre tribos do alto Xingu e pesquisadores de todas as regiões do Brasil que para lá se dirigem com o propósito de estudarem os costumes e a língua daquelas tribos.

4.1 AQUISIÇÃO DE PARA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Perroni (1999) analisa qual o estatuto de *para* na gramática de uma criança brasileira, com relação a sua categoria sintática desde que surge aos dois anos de idade até os cinco anos. Os dados são colhidos pelo método observacional/naturalista, em ambiente familiar.

A análise percorre os dados fazendo uma tentativa de recuperar a trajetória dos usos de *para* pela criança iniciando sentenças simples indo até as mais complexas.

O estudo busca defender uma explicação gramatical, seguindo os princípios de ordenação internos da gramática compatível com a Teoria Gerativa, como a proposta conhecida como Princípios e Parâmetros, oposta a interpretação tipo testagem de hipóteses.

De início, analisa-se *para* em sentenças simples onde já é encontrado junto com as preposições *de* e *em*. Neste primeiro momento surge principalmente com o verbo *dar*, na construção " dá pa mim". Neste caso trata-se de preposição funcional, pois o papel beneficiário (presente em *mim*) é atribuído pelo próprio verbo (*dar*, de três argumentos).

A preposição além de acompanhar o verbo *dar* surge também com os verbos *fazer*, *trazer* e *pegar* e neste caso é núcleo lexical:

"Pega pra mim.
Traz o urso pra mim".(p-85)

Atesta o fato de *para* estar entre as primeiras preposições a surgirem nos dados das crianças brasileiras, Mayrink (apud Perroni,1999,p.85), que estudou a aquisição do português brasileiro por uma criança de um ano e oito meses aos dois anos de idade.

Mayrink encontra a preposição empregada primeiramente com verbo *ir* depois com *jogar* em contextos em que se indica direção de movimento. "Foi pa Dodolu (bebedouro)."

A seguir resenharemos estudos que tratam da aquisição de segunda língua e preposições.

4.2 PREPOSIÇÕES E AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA

Ramos (1982) estabelece que entre os tópicos de dificuldades de ensino para aprendizes de inglês como língua estrangeira, estão as preposições.

Assim seu trabalho pretende localizar informações sintáticas e semânticas que determinam a facilidade ou a dificuldade do aprendiz em escolher as preposições em inglês.

São estudadas redações dos alunos do 6º semestre de estudo de Língua Inglesa nos Cursos de Letras da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

A dificuldade de localizar na hierarquia das influências a seleção das preposições em inglês por falantes nativos de português fez com que a autora optasse por interferências lingüísticas.

Estudam-se tanto as ocorrências em que a preposição é selecionada corretamente quanto aquelas em que o uso da preposição não é aceito corretamente.

Erros são definidos como: interlinguais, os quais, possuem a característica da transferência de traços estruturais do português para o inglês e intralinguais que têm por característica refletir propriedades gerais da aprendizagem de regras dentro da estrutura do próprio inglês.

O modelo da Teoria dos Casos Profundos de Charles Fillmore é adotado para descrever a estrutura do corpus. Neste modelo, quando ocorre a introdução de sintagmas nominais na noção de casos, é proposto que cada um deles inicia-se por uma preposição. Preposição esta, que seria definida pelo tipo de função casual que o sintagma desempenhasse na oração. Assim, a oração é vista como um verbo e uma série de casos da estrutura profunda.

O conhecimento de marcadores superficiais de um caso da estrutura profunda torna mais fácil ao aprendiz o processo de seleção da preposição, exceto em circunstâncias em que a escolha de uma preposição esteja ligada às idiossincrasias dos elementos aos quais ela se associa.

Vários tipos de informações precisam ser consideradas para escolher preposições em inglês. Algumas das principais são:

propriedades sintáticas e semânticas inerentes aos verbos com os quais as preposições coocorrem, como exemplo o verbo inglês *blame/culpar* quando em posição de objeto preposicionado requer o caso objetivo a preposição *for* e para o caso meta, a preposição *on*. O verbo *look* para o caso objetivo poderá determinar *at* ou *for* dependendo de ser escolhido para expressar o significado de examinar ou procurar.

Propriedades semânticas das estruturas subjacentes dos substantivos associados às preposições. A preposição *in*, por exemplo, é usada quando o substantivo selecionado para representar o caso locativo especifica o conceito de área fechada, a preposição *on* com substantivos que expressam o conceito de superfície, e a preposição *at* com substantivos que indicam um ponto específico no espaço. Os exemplos são os que seguem:

They were in the dining-room;
They were on the first-floor;
They were at the door. (p-119-120)

Eles estavam na sala de jantar;
Eles estavam no primeiro andar;
Eles estavam à porta. (p.119-120)

Processos de seleção do sujeito e do objeto direto. A ausência da preposição antes de expressões nominais indica que estes elementos na oração ocupam posição de sujeito ou de objeto direto.

Transformação como passivização, nominalização ou inversão na posição de elementos que ocorrem com verbo tipo Give; exemplos:

The was read by Peter. (O livro foi lido por Pedro);
The reading of de book...(A leitura do livro...);
He gave the book to me (Ele deu o livro para mim);
He gave me the book(Ele deu-me o livro).(p-120)

A análise das construções corretas indica que estruturas mais facilmente aprendidas são aquelas em que se escolhe a preposição pela função semântica que a mesma assinala nas orações. Entre as escolhas assertivas estão o uso das preposições *in*, *on* e *at* quando marcam locativos, ou caso temporal :

We are going live in a comfortable house;
My house is on the other side of the street;
I will wait for you at the station;
She visited us in the afternoon.(p-121)

As traduções são as seguintes:

(Nós vamos morar em uma casa confortável);
(Minha casa fica do outro lado da rua);
(Eu esperarei por você na estação);
(Ela nos visitou à tarde) (p-121)

A escolha correta de *in*, *on* e *at* deixam notar que os alunos conhecem as propriedades semânticas específicas nos locativos e no período de tempo.

Outra ferramenta usada pelos alunos é transferir as regras orientadoras da escolha de preposição na sua língua materna. Em muitas estruturas pesquisadas foi constatado que a preposição selecionada é equivalente ao português.

Nas análises dos erros intralinguais, a dificuldade é a assimilação dos usos idiossincráticos da preposição, o que faz surgir erros decorrentes de falsas analogias ou generalizações incorretas. Isto ocorre com as preposições *in*, *on* e *at*, o que sugere a dificuldade do aluno em assimilar regras que particularizam a escolha de cada uma delas.

Tanto para marcar o caso locativo como o caso temporal, a tendência é a generalização pelo uso de *in* em ocorrências onde expressões específicas de lugar ou tempo requerem *on* ou *at*. Seguindo os exemplos :

*(*The bus was soon in the road.);*
*(*I have seen someone in the door.)* (p-125)

A hipótese da autora ao final da análise é a seguinte:

" Essa tendência do aluno generalizar, pelo uso de in, os sentidos expressos pelas preposições on e at, quer em função locativa, quer em função temporal parece ser devida à existência de uma só preposição em português para representar usos equivalentes a essas três preposições do inglês.".(p-125 grifo meu)

Netz (1996) explica que um dos problemas sérios na tradução automática e ainda não abordados pela literatura da área, é o uso adequado da preposição.

A autora traça um panorama sobre o uso das preposições e sua evolução, suas relações assíncronas, assim como, as conseqüentes dificuldades no que diz respeito ao seu aprendizado, e especialmente à tradução automática.

A autora não pretendendo estabelecer regras que sejam capazes de abranger uma completa investigação do uso de preposições, tenta apresentar um estudo que exponha fatores que implicam na determinação do significado da preposição em inglês e português.

Sobre o aprendizado, as preposições são causa de muitos temores para todos os estudantes de língua estrangeira que estão ligados à questão de interferência lingüística no processo de escolha destas preposições (Ramos, 1982:124).

A falta de sincronia entre português e inglês no que se refere a número, ou significado é o principal obstáculo da tradução automática.

Ao transpor o significado das preposições, o tradutor é levado a um emaranhado de relações assíncronas. Os exemplos são os seguintes:

Pedro is in São Paulo.
Paulo is at home.
Think of something. (p-40)

As traduções são as que seguem:

Pedro está em São Paulo;
Paulo está em casa,
Pense em algo (p-40).

Segundo Netz, o problema surge quando uma única preposição em inglês pode receber diferentes traduções em português, ex.:

Maria is in Portugal;
She is dressed in red;
Write in ink.(p-40)

Traduzidos assim:

Maria está em Portugal;
Ela está vestida de vermelho;
Escreva a tinta(p-40)

Pensando em tornar mais objetivos os dados inseridos no dicionário GEVER (Gerenciador Automático de Verbetes e Regras Gramaticais) do programa de computador, buscou-se informações em gramáticas e na escassa literatura sobre preposições, onde foi descoberto que quase sempre as preposições são explicadas através de noções de espaço, tempo, destino, posição, etc.

Como exemplo de inaplicabilidades das noções da preposição *on* ela não apresenta na construção abaixo noção de superfície mas de meio, e a preposição *in*, que remete a noção de simultaneidade e não de interioridade. Exemplos:

*A fiisherman who lived on the produce of his nets,....,
Um pescador que vive do produto de suas redes;
In applying this, the place should be dry.
Ao aplicá-lo o local deve estar seco.(p-41)*

Em Luft (apud Netz,1996, p.41) a autora encontra um aspecto que pode dar conta de explicar esta inaplicabilidade das noções tradicionais. Como a origem das preposições latinas são os advérbios, foi natural que elas trouxessem consigo seu significado juntamente com as noções de espaço, tempo, direção, etc. O que aconteceu foi que estas noções foram perdendo-se e a classificação tornou-se cada vez mais inadequada.

Sem poder contar somente com as gramáticas, Netz procurou noções fundamentais da lingüística que auxiliassem na compreensão do papel das preposições nos seus respectivos contextos.

De acordo com Saussure (apud Netz,1996, p.44), há dois níveis de relações na linguagem: sintagmático - in presentia- onde um termo estabelece oposição ao que o precede ou o segue; e paradigmática - in absentia- a ocorrência é em plano mental, onde as unidades substituem-se umas às outras.

Sendo as preposições palavras funcionais, não se pode desconsiderar o relacionamento delas com as palavras que as precedem, ou que as seguem, ou ambas. O princípio básico do estudo das preposições deve ser o fato de que não existem elementos isolados na língua. O significado das preposições é determinado pelo contexto sintático no qual ocorrem.

Com base no exposto, estabelece-se um critério fundamental - a noção de vizinhança do termo. Analisa-se então, contextos sintáticos onde as

preposições estavam inseridas. Monta-se um corpus. Seguido deste levantamento, parte-se para uma classificação de preposições de acordo com os significados encontrados no contexto. As preposições foram etiquetadas e classificadas em diferentes categorias.

Os resultados foram os seguintes, um dos fatores de maior destaque na escolha da preposição é a regência verbal. Cita-se Luft (apud Netz, 1996, p.42) novamente por ter dito serem os traços semânticos dos verbos que selecionam a preposição e esta deve combinar com estes traços.

Em seguida, vem o fator dos complementos e por último há um conflito entre a regência dos verbos e a preposição exigida pelo complemento onde há necessidade de optar-se por um dos dois, prevalecendo a associação com o verbo, que parece ser mais forte.

Gomes (1999) observa a direcionalidade no processo de mudança e aquisição de preposições que substituiu os casos latinos no discurso dos falantes do Rio de Janeiro e de falantes da chamada Contact Portuguese, literalmente, língua de contato portuguesa falada por índios do Xingu, doravante apenas língua de contato.

A variável usada na língua de contato mostra os mesmos efeitos observados na variedade do Rio de Janeiro.

A autora argumenta que as forças que guiam a aquisição do sistema preposicional português na variedade do Xingu agem com mesma pressão na linguagem urbana do Rio de Janeiro.

Nos falantes do português brasileiro, o uso das preposições *a*, *de*, e *em* quando introduzem um complemento dativo de alguns verbos transitivos, é um processo sintático variável.

Os contextos do uso variável destas preposições no dialeto urbano brasileiro são analisados levando-se em consideração duas propriedades das preposições a habilidade de indicar caso e o conteúdo semântico que elas trazem.

A preposição necessariamente marca o caso dativo quando ele não é um pronome clítico. Esta preposição pode indicar uma relação semântica transparente, como a que expressam alguns verbos bitransitivos, onde o complemento indireto é o beneficiário ou a meta, o NP é [+animado], e as preposições (*a* ou *para*) indicam uma orientação do beneficiário ou da meta.

A relação semântica expressada pelas preposições que introduzem complemento de um verbo monotransitivo (*a, de, em*) fica obscurecida, em certos casos, pode-se dizer que as preposições não têm significado.

Deve-se considerar quatro princípios relacionados com as propriedades mencionadas: adjacência, transitividade, iconicidade, e transparência semântica das preposições.

O princípio da adjacência prediz que o caso assinalado e o elemento que o assinala devem ser adjacentes.

O estudo tem evidências de que o apagamento da preposição em Português não é restrito, pois a preposição pode ser apagada com complementos que não estejam em posição de adjacência.

Com relação ao uso variável de preposições que introduzem um objeto indireto em Português, a autora espera que a adjacência seja favorável ao apagamento e a não adjacência desfavorável.

Nesse estudo transitividade é definida em termos de números de elementos na construção. O grau de transitividade marca o grau de coesão entre o verbo e seus complementos. Quando a coesão é baixa, a preposição é necessária para afirmar a relação entre o verbo e seu complemento. A presença da preposição então indicaria o tipo de distância conceptual entre o verbo e seu complemento.

Verbos bitransitivos (com baixa transitividade) mantêm a partícula preposicional, enquanto, a baixa transparência contribui para o apagamento das partículas preposicionais.

De acordo com a motivação iconicidade, a distância conceptual entre o verbo transitivo e seu complemento é menor do que entre um verbo intransitivo e seu complemento.

A presença da preposição indica o tipo de distância conceptual entre o verbo e seu complemento. É o volume fonológico da preposição que faz a indicação da baixa transitividade e não especificamente a substância semântica.

Se uma preposição é transparente em relação a certo significado, ela tende a aparecer, enquanto, a baixa transparência contribui para o apagamento das partículas preposicionais.

Na sua observação do uso variável das preposições que substituem os casos latinos em Português no dialeto urbano do Rio de Janeiro, a autora utilizou um corpus de gravações de sessenta e quatro falantes gravados pelo Projeto do

Censo e Variação Lingüística que foi organizado de 1982 a 1984, é estratificado por idade, sexo e nível de educação formal.

As informações foram organizadas dentro de quatro subgrupos distintos. Embora haja um modelo comum nesses processos, presença e ausência de preposições, eles constituem diferentes processos com diferenças nos tipos e peso das pressões.

O primeiro grupo compreende verbos bitransitivos cujos objetos indiretos são introduzidos pelas preposições *a* ou *para* ou a presença do apagamento:

" fazem uma colheita de dinheiro e distribuem (aos) pobres"
 "o cara vem do Brasil, um nordestino, pra dar um presente (pro) Papa"
 "tem um senhor lá na Itália querendo dar um presente(0) o Papa?(p-216)

O segundo inclui verbos monotransitivos com a preposição *a* expressa ou apagada:

"nós estamos precisando de uma pessoa lá para ficar na parte que pertence assim (0) o escritório da firma"
 "ai ele foi perguntar como é que se fazia para se proceder (a) um inquérito administrativo"(p-216)

O terceiro é composto por verbos monotransitivos cujos complementos são introduzidos alternativamente pela preposição *de* ou apagamento da preposição *de*:

"eu acho que o ser humano, ele na sua essência, ele precisa[de] espaço a sua volta"
 "então o ser humano precisa [0] um espaço pelo menos que ele pode abrir os braços sem esbarrar em nada"(p-216)

Analisando o fator idade a autora pôde observar que a mudança em progresso foi detectada no tempo aparente para o subgrupo dos verbos bitransitivos embora eles falhassem em mostrar o padrão modelo da distribuição tal como uma mudança.

Apenas nos dois grupos extremos de idade (7-14, 50-70) os resultados revelaram claramente o processo de mudança. Quando o estudo comparou os resultados numa linha horizontal foi observado que, entre os falantes mais velhos (50-70), o uso da preposição *a* é favorável, enquanto que o uso de *para* e apagamento de preposição é desfavorável.

O grupo entre 26-49 anos não mostra diferença significativa entre os usos das duas preposições e é favorável ao apagamento.

No grupo de 15-25 anos o uso de *para* e do apagamento da preposição é claramente favorável e desfavorável ao uso de *a*.

Os falantes mais jovens (7-14) mostram uma preferência pelo apagamento da preposição e uso de *para* e é desfavorável ao uso de *a*.

A preposição *para* tende a substituir a preposição *a*, enquanto o apagamento preposicional permanece estável. O resultado não é a perda da marca do dativo mas sua substituição por outra preposição.

Os resultados para os verbos monotransitivos que são regidos pela preposição *de* e *em* são claramente relacionados ao modelo do processo de variação estável. Os verbos monotransitivos que alternam apagamento e a preposição *a* mostram um modelo similar ao observado para os verbos bitransitivos: a substituição da preposição *a* entre os grupos mais jovens. Neste grupo o apagamento preposicional é fortemente favorecido.

O nível de educação exerce uma pressão importante para o subgrupo dos verbos bitransitivos. De acordo com a distribuição, os resultados revelam uma correlação clara entre o nível de escolaridade e escolha das variantes. Falantes com um alto nível de escolaridade tendem a rejeitar o apagamento da preposição e favorecem a presença da preposição.

Os resultados do fator escolarização sugerem que a preposição *a* parece ser considerada uma forma de prestígio e o apagamento dela é estigmatizado, e *para* seria neutro ou constituiria uma estratégia para evitar o apagamento.

Quanto à adjacência mostra efeitos distintos de acordo com os subgrupos de preposições. A preposição marca o caso dativo do complemento, então adjacência é um fator favorável ao apagamento da preposição, e a não-adjacência tende a preservar a preposição. A adjacência também é o contexto no qual *para* ocorre freqüentemente. Esta distribuição reforça a suposição de que *para*

é uma estratégia para evitar o apagamento. A partícula *a* ocorre mais freqüentemente quando o complemento do verbo está mais distante.

Os habitantes do Parque Nacional do Xingu são falantes multilinguais. A língua de contato emerge da comunicação destes habitantes com falantes nativos de português brasileiro de várias regiões do país.

Esta variedade é utilizada pelos falantes nativos de português brasileiro num contato intertribal.

Os dados utilizados para análise são de Emmerich (apud Gomes,1999,p.224) que entrevistou sete falantes nativos de Kamaiurá, todos homens, variando o nível e a fluência da fala.

Os exemplos abaixo, oferecidos pela autora, mostram o uso variável de preposições que substitui os casos latinos na língua de contato da região do Xingu que são: *de, com, em e para*.

Kamaiurá não gosta [0] bicho.
Quando ele gosta[de] txicão ele faz, né, moitará
Eu conversa [com] pessoal dele.
pessoal fica[o] medo.
Se ele tá aqui[no] posto ele conversa
Sukuri ficar aqui também [no] posto (pág. 224)

Observamos que não há menção sobre a preposição *a* . O que é confirmado pela autora em :

It is important to remark that the preposition *a*, wich in Brazilian Portuguese is being replaced by *para* with ditransitive verbs and deleted with monotransitive verbs, was not registered in Contact Portuguese. In others words, whereas in Brazilian Portuguese the preposition *a* tends to disappear, in Contact Portuguese it is entirely absent.(pag. 224).

Em relação ao tipo de uso de preposições no português brasileiro (categórico ou variável), foi observado que o contexto que possui uso categórico de preposições no português brasileiro mostra um uso variável na língua de contato portuguesa. Este contexto favorece a presença da preposição.

Os resultados do nível de fluência na língua de contato mostram que maior fluência implica o preenchimento de contextos categóricos e a aquisição de leis variáveis.A pesquisa das informações revelam que o falante mais fluente

mostra uso de preposições em contextos categóricos do português brasileiro. O gradual preenchimento categórico em contextos variados tende a ocorrer de acordo com os níveis de fluência.

Com relação ao uso variável das preposições *de*, *com*, *em* e *para*, o estudo revela a importância da transparência da preposição e o grau de transitividade do verbo na aquisição do sistema preposicional na língua de contato.

Foi observado que os contextos de alta ocorrência de preposições na língua de contato têm os mesmos traços que preservam preposições no português brasileiro. O sistema tende a conservar preposições com conteúdo semântico e aquelas que assinalam a relação entre o complemento e o verbo (verbos de baixa transitividade). As preposições usadas com maior frequência na língua de contato possuem estas características. O mesmo pode ser dito sobre a baixa ocorrência e perda da preposição. Preposições com pouco conteúdo semântico que introduzem complementos de verbos monotransitivos tendem a ser apagadas na língua de contato.

Estas descobertas levam a autora a acreditar que a direcionalidade do processo observado na fala da comunidade do Rio de Janeiro é o mesmo das outras comunidades de falantes do português brasileiro. As duas variedades estudadas estão geograficamente distantes e como mencionado anteriormente a língua de contato emerge da interação entre nativos do Parque do Xingu e falantes nativos de diferentes comunidades lingüísticas do Brasil.

Os resultados mostram evidências para algumas questões teóricas. Primeiro, a aquisição de estruturas categoriais é um processo sistematicamente variável. A aquisição de partículas preposicionais especificamente em contextos de uso categórico são precedidas pelo uso variável em cada contexto. Parece que a aquisição de estruturas sintáticas está sujeita a um tipo de frequência sensitiva mais do que categorias estruturais e depende fortemente do input. Com respeito a direcionalidade do processo de mudança e aquisição lingüística, pode-se dizer que eles seguem na mesma direção.

O português brasileiro preserva partículas semanticamente transparentes (orientação em direção ao beneficiário ou meta) nas construções com baixa transitividade (verbos bitransitivos). A aquisição é guiada por esses mesmos traços, isto é, o acesso semântico da preposição e o grau de coesão entre o verbo e seu complemento. Na língua de contato a transparência semântica da preposição e

verbos com baixa transitividade tendem a favor do uso de preposições. Parece que os mesmos princípios observados na mudança lingüística mostram os mesmos modelos na aquisição.

4.3 CONCLUSÃO

Analisados os estudos, percebemos que em Perroni não existe menção à preposição *a* na aquisição de língua, mesmo em sua resenha do trabalho de Mayrink não aparece nenhuma alusão à preposição *a*.

A preposição *em* que deve ser a variante de *a*, aparece entre as primeiras preposições na aquisição de português brasileiro pelas crianças. Isto poderia levar a hipótese de que se *a* não aparece na aquisição não faz parte da gramática atual e não deverá aparecer em dados recentes do português brasileiro.

Um outro ponto de interesse é o fato de que a preposição *para* em Mayrink ser utilizada com verbo *ir* de movimento. Ora, se a criança adquiriu a preposição *em* como atesta Perroni, o que a faz optar pela preposição *para* com verbos de movimento como na ocorrência citada : "Foi pa Dodolu" e não "Foi no Dodolu".

O trabalho de Gomes vem comprovar que a preposição *para* é uma forma utilizada pelo falante para evitar o uso da preposição *a* ou mesmo seu apagamento. Também consta da conclusão dessa autora que o fator escolaridade é altamente relevante para que os falantes passem a utilizar a preposição *a*.

Nos estudos de Ramos e Netz fica clara a preferência que os alunos têm pela preposição *em* generalizando na tradução de *in*, *on* e *at*. Apenas em uma das traduções é que foi utilizada a preposição portuguesa *a*, nas outras a preposição selecionada foi *em*.

Como Netz bem observa as três preposições *in*, *on* e *at* são traduzidas por uma única preposição da língua portuguesa que é a preposição *em*. Esta conclusão é justamente a que se referia Ramos (1982:125), nos locativos, só existe uma opção de preposição na língua portuguesa para tradução.

Apesar de a preposição *a* ter assumido matizes semânticos da preposição *em*, aparentemente apenas no português europeu, este dado tornou-se

robusto. No português brasileiro, os falantes continuam empregando a preposição *em* com verbos de movimento onde esperar-se-ia que utilizassem a preposição *a*. Como os estudos aqui discutidos parecem comprovar, falantes de português brasileiro, quando traduzem textos do inglês para sua língua materna, nos quais, o caso locativo surge, utilizam *em* ao invés de *a*.

No próximo capítulo, exporemos a metodologia e tentaremos percorrer os caminhos de *a/em* desde o século XV até o século XXI. Observaremos se ambas já concorriam na língua que deu origem ao português brasileiro e o que favorece o emprego de uma e outra preposição.

CAPÍTULO IV

5 METODOLOGIA

A metodologia tem como base a Sociolinguística Quantitativa que fornece a ferramenta para avaliar quais os fatores que, sozinhos ou em conjunto com outros, mais interferem na variação que se avalia.

Foram coletados três mil e quinhentos dados distribuídos por três séculos, com o objetivo de observar o emprego das preposições *a* e *em*, em todas as ocorrências que surgissem. Posteriormente apenas as ocorrências com verbos de movimento foram analisadas.

Os primeiros mil e quinhentos dados referem-se ao século XVI, divididos em quinhentos do relato *Ásia* de João de Barros que trata das conquistas dos portugueses no continente asiático; quinhentos dados do teatro de Gil Vicente e Camões e quinhentos dados de cartas de João III de Portugal.

Neste século, encontra-se o português que foi implantado no Brasil, por isso, a importância dos dados e a justificativa de serem de relato, cartas e teatro.

Depois de feitos vários recortes, chegamos às ocorrências em que havia a variação das preposições *em* e *a*. Ficamos com um total de 401 dados distribuídos desta forma: 229 para o século XVI sendo que 82 de teatro; 80 de relato; 67 de carta. Podemos observar os números na tabela -1.

Tabela 1 - Dados do Século XVI

Documento	Autor	Quantidade
Ásia- relato	João de Barros	80 ocorrências
Cartas de João III de Portugal		67 ocorrências
El- Rei Seleuco	Luiz Vaz de Camões	10 ocorrências
Filodemo		39 ocorrências
Farsa de Inês Pereira	Gil Vicente	21 ocorrências
Auto da Índia		12 ocorrências

Para o século XIX a distribuição foi a que segue: 119 dados distribuídos em 46 para carta de leitores de diversos jornais brasileiros; 71 para teatro de França Júnior, e 02 dados da peça O Namorador na Noite de São João de Martins Pena.

A importância e a justificativa deste século constam do item sobre a implantação da norma culta no Brasil. O argumento de Pagotto é que a partir do século XIX foi constituída uma nova norma culta no Brasil, produto de um longo e laborioso trabalho discursivo, conduzido por eminentes gramáticos, jornalistas, escritores.

Tabela 2 - Dados do Século XIX

Documento	Autor	Quantidade de dados
Teatro de França Júnior	França Júnior	71
O namorador N S. João	Martins Pena	02
Cartas de leitores de jornais	Diversos	46

Já para o século XX e XXI, os números foram estes: 53 dados divididos da seguinte forma: 34 para teatro e 19 para carta. Os dados em número de 34 foram de peças de teatro de Miguel Falabela e Mário Bortolotto das últimas décadas do século XX e 19 dados de cartas de leitores da Folha de São Paulo dos meses de abril e maio de 2001.

Tabela 3 - Dados dos Séculos XX e XXI

Documento	Autor	Quantidade de dados
No Coração do Brasil	Miguel Falabela	12 ocorrências
Seis Peças de Mário Bortolotto	Mário Bortolotto	22 ocorrências
Painel do Leitor- Folha de São Paulo - abril a maio de 2001	Diversos	19 ocorrências

5.1 VARBRUL

O programa, VARBRUL, que será utilizado neste estudo, além de fornecer a percentagem dos fatores, fornece também o peso relativo de cada um.

Em pesquisa lingüística não devemos nos ater apenas à percentagem, porque pode ser tendenciosa, devido ao seu cálculo não levar em consideração as inter - relações existentes entre as categorias que agem numa regra variável, como é o emprego das preposições *a* e *em* com verbos de movimento. Então, além de utilizar os cálculos percentuais, são calculados os pesos de cada fator condicionante. Estes pesos são medidos de tal forma que são interpretados como favoráveis ao uso de determinada variante se forem superiores a 0,5; como inibidores, se forem inferiores a 0,5; e como neutros, se forem iguais a 0,5.

Exposta a ferramenta que nos apoiará na quantificação de dados, passemos ao nosso objeto de pesquisa, a variável dependente: preposição *a* e preposição *em*.

5.2 FATORES CONSIDERADOS

Fatores condicionantes são aqueles que podem influenciar no emprego de uma ou outra variável dependente em estudo. Selecionamos sete fatores que acreditamos poderem influenciar no emprego de *a/em*. Os fatores considerados foram os seguintes:

a) sintagma nominal feminino, masculino ou neutro. Observar os sintagmas que seguem as preposições quanto ao gênero, masculino ou feminino, poderia indicar que para evitar a crase (fusão do artigo *a* mais a preposição *a*) se optasse pela preposição *em*. Conforme os dados foram sendo codificados surgiram as formas verbais de infinitivo, pronomes pessoais oblíquos, artigos indefinidos, pronome relativo, etc, após as preposições, que foram classificados como neutros.

b) Ordem da sentença sujeita verbo, verbo sujeito, sujeito nulo. Optamos por esta variável como condicionante devido a especificidade de no português brasileiro não ser mais comum o sujeito nulo, talvez para o uso de uma ou outra preposição este fato fosse relevante.

c) Tipo de documentos teatro, relato, carta. Nestes tipos de documentos por nós pesquisados, esperamos encontrar o tipo de linguagem mais próximo da falada. Esperamos que nas cartas os falantes sejam menos rigorosos no que se refere à gramática. As peças de teatro escolhidas foram do gênero comédias, pois, os autores, quando satirizam a sociedade, procuram ser o mais fiel possível ao modo como os personagens se expressam, escrevendo assim seus textos. Acreditamos, que o mais próximo possível também da língua falada. Mesmo porque, este tipo de texto será proferido em voz alta pelos atores, e ficaria artificial se distanciasse muito da fala popular.

d) Significação da preposição tempo, espaço, noção.

e) Flexão verbal. Esta variável foi selecionada por nós, por acreditarmos que o fato de o verbo estar flexionado ou não ou ainda estar em suas formas nominais influenciaria de algum modo o emprego de *a* ou de *em*.

f) Tipologia verbal. Para classificar os verbos, adotamos Borba (1996) para estabelecer as variantes do grupo de fatores tipologia verbal:

verbos de ação - os quais expressam uma atividade realizada pelo sujeito agente; ex.: Vou a Santos.

verbos de processo - expressam um evento ou sucessão de eventos que afetam o sujeito paciente ou experimentador; ex.: A chuva parou.

verbos de ação-processo - expressam uma ação realizada por um sujeito agente ou uma causação levada a efeito por um sujeito causador, que afetam o complemento; ex.: José quebrou o pires.

verbos de estado - expressam uma propriedade (estado, condição, situação) localizada no sujeito, que é pois mero suporte dessa propriedade ou, então, seu experimentador ou beneficiário; ex.: Mário permanece em silêncio. (p-58-60)

De posse dos dados finais apenas a classificação de verbos de ação foi utilizada e ainda dentro destes verbos apenas aqueles que indicassem movimento. Dentre os verbos, houve ainda mais um recorte, pois deveríamos escolher aqueles nos quais os complementos pudessem ser empregados tanto com *a*, como com *em* e continuar com o mesmo sentido.

Após isto, verificamos que não se deve generalizar dizendo que todos os verbos de movimento podem ser empregados com ambas as preposições aqui estudadas. São alguns verbos específicos que indiquem movimento com direção a algum lugar.

g) contração e não contração da preposição. Para codificação os critérios foram os seguintes: se *a* é empregado com acento codifica-se como contração, se é empregado mesmo diante de palavra feminina sem acento é codificado como forma simples da preposição. É necessário este esclarecimento devido aos textos dos séculos XVI e XIX apresentarem essas divergências e se o autor em alguns casos acentuou e em outros não pressupõe -se que deveria haver uma divergência de pronúncia. No caso de *em*, as ocorrências em que surgem *no*, *na*, *numa naquele*, *neste* são codificadas como contração.

No próximo capítulo, serão apresentados e comentados os resultados dos dados.

CAPÍTULO V

6 RESULTADOS DE ACORDO COM O SÉCULO

Abordaremos neste capítulo os resultados do programa com referência a análise das ocorrências de acordo com o século. Levamos em consideração, como já dissemos no final do capítulo anterior todos os verbos que indicavam ação e dentro desta ação o movimento de direção com sentido de interioridade. Abaixo alguns exemplos:

- 1 que **chegou a** Goa em setembro.
- 2.foi porque **chegando** ele do mar roxo **em** Goa
- 3- com tal nome **entrou** neste reino,
- 4.todo o necessário para **entrar às** casas.
- 5-**levou** o consigo **a** Cananor.
- 6.houvesse por bem de **levar em** sua companhia.
- 7 O Xeque Ismael **assentado** neste conselho,.
- 8-.te se **assentar ao** pé de uma serra. (Barros, João de Ásia)

Iniciaremos pelo século XVI, depois século XIX e finalmente os séculos XX e XXI. Observaremos qual é, e se existe uma variável que influa mais em cada um dos séculos acima mencionados, para que se empregue a preposição *a*. Devemos esclarecer que dentro da análise de *a* é possível depreender a análise de *em*.

Devido a termos retirado "século", os fatores condicionantes passaram a ser seis: gênero do sintagma, ordem na frase, tipo de documento, significação da preposição, flexão verbal e contração da preposição.

No final do capítulo, porém, voltaremos a somar as ocorrências dos três séculos, para delinear a evolução da preposição *a* dentro deles.

6.1 PREPOSIÇÃO A NO SÉCULO XVI

Ao optarmos por analisar os dados referentes aos séculos individualmente, esperávamos que, ao menos no século XVI, houvesse um emprego

maior da preposição *a* com todos os tipos de sintagmas. Foi o que ocorreu. Esta preposição tem participação importante nos três tipos.

Para o gênero masculino *a* apresenta 68% das ocorrências, em seguida vem o gênero neutro com 61% por último, o feminino com 53%.

A tabela-4 mostra o resultado para gênero:

Tabela-4 Gênero do Sintagma - Séc. XVI

Preposição	Masculino		Feminino		Neutro	
	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.
A	68%	51	53%	55	61%	31
EM	32%	24	47%	48	39%	20

O peso relativo demonstra que nesta variável o que mais colabora para que se empregue *a* é o fato do sintagma nominal estar no masculino. Os pesos ficaram assim distribuídos:

Masculino .62

Neutro .50

Feminino.41

Exemplos:

1 que se vá aos soalheiros...

2 Que o gado ao pasto trazer? (Camões, Luiz Vaz de. El-Rei Seleuco)

A tabela -5 nos mostra o resultado para "ordem na frase".

Tabela -5 - Ordem na frase- Séc. XVI

Preposição	SV		VS		Sujeito Nulo	
	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.
A	48%	32	67%	16	64%	72
EM	52%	35	33%	08	36%	41

A é mais empregada quando a ordem é VS e quando o Sujeito é Nulo os percentuais são respectivamente 67% e 64%.

Os pesos demonstram a mesma tendência, os números são:

Sujeito Nulo .56

VS . 54

SV . 38

Os resultados em peso relativo mostram-se favoráveis ao uso da preposição a com a ordem VS e Sujeito Nulo.

Exemplos:

3 **virão** maridos **a** pares . VS

4. por deus! bo **ia** eu **à** aldeia, VS

5 **Fomos à** Vila Castim . Sujeito Nulo (Vicente, Gil. Farsa de Inês Pereira)

Na tabela 6, os resultados para documentos:

Tabela 6 Documento - Séc. XVI

Preposição	Teatro		Relato		Cartas	
	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.
A	68%	56	57%	46	52%	35
EM	32%	26	42%	34	48%	32

As cartas do Rei João III de Portugal continham principalmente ordens para viagens e instruções para pagamento de dívidas, etc. Relato, escrito por João de Barros, trata da conquista do continente asiático pelos portugueses. Este autor também escreveu a primeira gramática da Língua Portuguesa e provavelmente empregou as mesmas regras que ditava naquele livro.

No que se refere ao peso relativo, foram selecionadas como relevantes às peças de teatro de Camões e Gil Vicente, pois deveriam refletir realmente a linguagem da época.

Os pesos são os seguintes:

teatro .64

relato .46

carta .37

Exemplos:

6 que não **sai** senão **à** porta.(Vicente, Gil . Farsa de Inês Pereira)

7.que nunca **espalhou** cabelos **ao** vento,...(Camões, Luiz Vaz de.Filodemo)

A variável "significação" obteve os percentuais que aparecem na tabela 7

Tabela-7 Significação da Preposição - Séc. XVI

Preposição	Espaço		Tempo		Noção	
	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.
A	57%	90	56%	9	69%	38
EM	43%	68	44%	7	31%	17

"Noção" é o significado mais influente na utilização de *a*, atinge 69%, seguida de 57% para espaço. Aqui, noção traduz o movimento de direção com significação de interioridade que pertence prioritariamente a *em*.

Os pesos para *a* são:

noção.61

espaço .47

tempo .46

Exemplos:

8 se **vem** **à** mão,...

9.**venha** **à** luz. (Camões, Luiz Vaz de . Filodemo)

Na "flexão verbal", o emprego de *a* é favorecido por todos os tipos de flexões verbais, seja o verbo flexionado, ou estando em suas formas nominais: participípio, infinitivo ou gerúndio. Conforme tabela 8 abaixo:

Tabela 8 Flexão Verbal- Séc. XVI

Preposição	Flexionado		Infinitivo		Particípio		Gerúndio	
	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.
A	59%	95	58%	28	64%	7	88%	7
EM	41%	67	42%	20	36%	4	13%	1

A forma nominal gerúndio supera todas as outras percentualmente atingindo 88% das ocorrências, logo após vem: particípio com 64%; flexionado com 59%; infinitivo 58%.

O peso relativo também mostra que o fato de a preposição a ser precedida da forma nominal gerúndio favorece seu uso, podemos considerar quase categórico o emprego de a com gerúndio neste período de tempo. "Infinitivo" segue a importância do gerúndio conforme:

gerúndio .85
flexionado .47
infinitivo .54
particípio .52
Exemplos:

- 10 **chegando a** Currate...
11. **chegando a** entrada dele .(Barros, João de. Ásia)
12. sendo **vindas ao** porto.(Cartas de João III de Portugal)

Os resultados para contração das preposições ficaram distribuído conforme tabela 9:

Tabela 9 Contração das Preposições Séc. XVI

Preposição	Contração		Não contração	
	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.
A	56%	78	66%	59
EM	44%	62	34%	30

Apesar da superioridade de *a* nas duas opções em percentuais, o que favorece seu emprego é a não contração como confirma o resultado no nível de peso relativo:

contração .45

não contração .58

Exemplo:

13 Foi-se buscar a cidade.(Camões, Filodemo)

6.1.1 Conclusão Século XVI

Para este século, os pontos relevantes para o emprego da preposição *a*, são os seguintes fatores: seguida de sintagmas nominais masculinos, com Sujeito Nulo ou ordem VS, indicando noção, em sua forma simples não contraída com artigos.

14 virão maridos **a** pares (Vicente, Gil. Farsa de Inês Pereira)

A seguir analisaremos os dados aplicados ao século XIX.

6.2 PREPOSIÇÃO A NO SÉCULO XIX

Neste período, os documentos analisados são cartas de jornais e peças de teatro. O total de dados atingiu 119 ocorrências. Elas estão distribuídas em 46 de cartas para jornais do século XIX e 71 de teatro de França Júnior e 02 de O Namorador na Noite de São João de Martins Pena.

Iniciaremos por "gênero do sintagma". Neste século, temos 75% masculino para *a*, e 66% relativo ao feminino também para *a*. Conforme tabela 10 abaixo:

Tabela 10 Gênero do Sintagma- Séc. XIX

Preposição	Masculino		Feminino		Neutro	
	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.
A	75%	44	66%	38	43%	3
EM	25%	15	34%	20	57%	4

Neste século o fato do sintagma ser masculino favoreceu o emprego de *a*. O peso relativo ficou assim:

masculino .53

feminino .48

neutro .12

Exemplos:

15.licença de escrever tem chegado ao ponto de

16.o homem pode chegar ao lado do Criador,

17.me guiou ao ponto procurado Corpus dos Sub-Projetos:

As Orações Relativas em Textos Brasileiros dos Séculos XVIII / XIX e A Ortografia dos Séculos XVIII / XIX. Orientador: Marlos de Barros Pessoa.

Neste século, ordem na frase, recebe os seguintes percentuais: para SV, *a* recebe 78% das ocorrências, seguido de 75% para Sujeito Nulo e 33% para VS, conforme os percentuais da tabela 11.

Tabela -11 Ordem na frase- Séc. XIX

Preposição	SV		VS		Sujeito Nulo	
	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.
A	78%	21	33%	1	75%	44
EM	22%	6	67%	2	25%	15

Na análise de pesos relativos, os números revelam que, nenhuma das variantes são importantes para o emprego da preposição *a*:

SV .55

VS .06

Sujeito Nulo .51

"Documento" , para a preposição a neste recorte de tempo mostrou os números da tabela 12:

Tabela 12 Documento Séc. XIX

Preposição	Carta		Teatro	
	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.
A	67%	31	71%	52
EM	33%	15	29%	21

Os números ficaram em: 67% para carta e 71% para teatro.

O peso relativo mostra:

carta .50

teatro .50

Esse resultado revela que neste período de tempo essas variantes não interferem no emprego ou não de a.

"Significação" apresenta o resultado mostrado na tabela-13:

Tabela -13 Significação das Preposições - Séc. XIX

Preposição	Espaço		Noção		Tempo	
	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.
A	68%	61	81%	17	63%	5
EM	32%	29	19%	4	38%	3

Neste século, continua a superioridade da preposição a na indicação de noção.

Nos pesos relativos se confirma "noção" como a significação mais relevante no emprego de a, conforme:

espaço 44

noção .78

tempo .33

Exemplos:

18 Não me **leves ao** desespero!

19 A coisa **chega a** esse ponto? (Martins Pena. O Namorador na Noite de São João)

Na flexão verbal, ocorre uma mudança. O verbo na forma nominal infinitiva e flexionado que precede a preposição *a* são os mais empregados e considerados relevantes. Vejamos primeiro os números percentuais na tabela -14:

Tabela-14 Flexão do Verbo

Preposição	Flexionado		Infinitivo		Particípio		Gerúndio	
	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.
A	74%	53	80%	24	83%	5	10%	1
EM	26%	19	20%	6	17%	1	90%	9

Como já comentamos acima, particípio recebeu neste século 83% das ocorrências com *a*, seguido de infinitivo e flexionado com pouca diferença, respectivamente 80% e 74%. Há uma queda acentuada na importância do gerúndio. Nos pesos relativos, o particípio e o infinitivo são importantes para *a* conforme abaixo:

infinitivo .67

flexionado .51

particípio .73

gerúndio .05

Exemplos:

20.de me **levar a** policia.

21.que eu não devia **ir a** cidade.

22-Eu bem não queria **vir ao** Brasil. (França Júnior. A Lotação dos Bondes)

Para a variável contração os resultados são os da tabela-15:

Tabela 15- Contração das Preposições Séc. XIX

Prep.	Contração		Não Contração	
	A	70%	70	68%
EM	30%	30	32%	06

Aqui também como na tabela-6 do século XVI os percentuais favorecem a, embora quando analisamos o peso relativo o que pressiona o emprego dessa preposição neste século é :

contração .53

não contração .34

Exemplo:

23.foi à porta d'aquelle asylo de virtudes.(Galeria Illustrada, Anno I número 9, Curitiba 30/03/1889)

6.2.1 Conclusão Século XIX

"Noção" é o que mais influi na utilização da preposição a. Foi selecionada como altamente condicionante para o uso da preposição a, ficando com um peso relativo de .78. O que quase pode ser considerado categórico.

Nos dados do século XIX, o que condiciona o emprego da preposição a é "noção" junto a sintagmas nominais de núcleos masculinos. A exceção do gerúndio neste século, as outras formas nominais e o verbo flexionado também são considerados relevantes para o emprego de a . Neste século o fato de a se contrair com artigos favorece seu uso.

Finalmente analisaremos no próximo item os séculos XX e XXI e como se comportam as preposições nos dados deste período.

6.3 PREPOSIÇÃO A NOS SÉCULOS XX E XXI

Nos dados destes séculos, após retirados os verbos que não nos interessavam, somaram um total de 53 ocorrências divididas em 34 de teatro e 19 de cartas.

Para sintagma nominal neste século, a tabela-16 nos mostra

Tabela - 16 Gênero do Sintagma - Séc. XX e XXI

Preposição	Masculino		Feminino		Neutro	
	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.
A	51%	18	38%	6	50%	1
EM	49%	17	63%	10	50%	1

No "gênero" masculino como já esperávamos, há uma superioridade pequena de *a* em níveis percentuais, neutros apresenta uma equivalência e nos sintagmas femininos *a* fica com percentual bastante baixo.

Quando verificamos o peso relativo neste último recorte de tempo temos:

masculino .56

feminino.40

neutro .26

Exemplo:

24..**caindo-lhe aos** pés.. (Bortolotto, Mário.Vamos Sair da Chuva Quando a Bomba Cair)

Neste último período de tempo analisado, observamos na tabela-17 a variável ordem na frase, aqui apenas SV e Sujeito Nulo aparecem nos dados:

Tabela-17 Ordem na Frase - Séc. XX e XXI

Preposição	SV		VS		Sujeito Nulo	
	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.
A	46%	11	Zero	Zero	50%	11
EM	54%	13	Zero	Zero	50%	11

De acordo com a tabela, quando ocorre Sujeito Nulo, acontece um empate nos dados, e *a* recebe 50% dos dados. Para peso relativo acontece o mesmo demonstrando que esta variável não determina o emprego de *a* ou de *em* :

SV .51

Sujeito Nulo .50

No fator tipo de documento temos:

Tabela-18 Documento - Séc. XX e XXI

Preposição	Teatro		Carta	
	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.
A	41%	14	58%	11
EM	59%	20	42%	08

Observamos que o documento carta é importante para que se empregue a preposição *a*, tanto ao nível percentual 58% quanto ao nível de peso relativo conforme:

teatro .45

carta .60

Exemplo:

25 Esclareço que **fiz** uma emenda **ao** Orçamento...

26 Caso Lula consiga **chegar a** Presidência.(Jornal Folha de São Paulo- Painel do Leitor - Maio a Junho de 2001)

Para "significação" os dados são os que aparecem na tabela -19:

Tabela -19 Significação da Preposição- Séc. XX e XXI

Preposição	Espaço		Tempo		Noção	
	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.
A	40%	14	40%	2	69%	9
EM	60%	21	60%	3	31%	4

"Noção" atinge 69% para a neste último recorte de tempo. Para indicar tempo e espaço a sofre uma queda.

Com referência aos pesos, são os que seguem:

espaço .39

tempo .29

noção .83

Exemplos:

27 **ver a** que ponto **pode chegar..**

28.**chegou a** tal ponto... (Folha de São Paulo - Painel do Leitor- Maio a Junho de2001)

"Flexão verbal" tem como resultado os dados conforme tabela 20:

Tabela -20 - Flexão Verbal - Séc. XX e XXI

Preposição	Gerúndio		Flexionado		Infinitivo		Particípio	
	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.	Perc.	Ocor.
A	25%	1	52%	21	20%	1	50%	2
EM	75%	3	47%	19	80%	4	50%	2

Os resultados da tabela-20 deixam ver que a tem uma ligeira superioridade apenas quando o verbo está flexionado chegando a 52% e quando ocorre particípio apenas atinge 50%. Nos pesos relativos obtivemos o seguinte:

Gerúndio .26
 Flexionado .59
 Infinitivo .09
 Particípio .53

Nestes números, o fato de o verbo que antecede a preposição a estar flexionado favorece o emprego de a, assim com, a forma nominal particípio também favorecer seu uso.

Exemplos:

29-...**vamos** `a capela,...(Bortolotto, Mário. Fuck you, Baby)
 30-Saiu de fininho e **foi ao** banheiro,... (Falabella, Miguel. NoCoração do Brasil)

A tabela 21 nos mostra os percentuais para contração das preposições nesse século:

Tabela 21 - Contração das Preposições Séc. XX e XXI

Prep.	Contração		Não Contração	
	A	45%	21	60%
EM	55%	26	40%	2

A não contração favorece o emprego de a, conforme os percentuais 60% para não contração e 45% para contração. Os pesos relativos nos mostram também que a não contração favorece o uso de a:

contração .49
 não contração .61

A seguir uniremos todos os resultados para tentarmos delinear o emprego de a nesses séculos.

6.3.1 Conclusão Séculos XX e XXI

Para a preposição *a* temos o seguinte perfil: sintagmas nominais masculinos, em construção onde a ordem seja SV, em documentos do tipo cartas, com o significado principal de noção, onde se encontra a direção com sentido de interioridade. Some-se a isto o verbo estar flexionado ou no particípio e o fato dessa preposição não aparecer contraída com artigos ou pronomes.

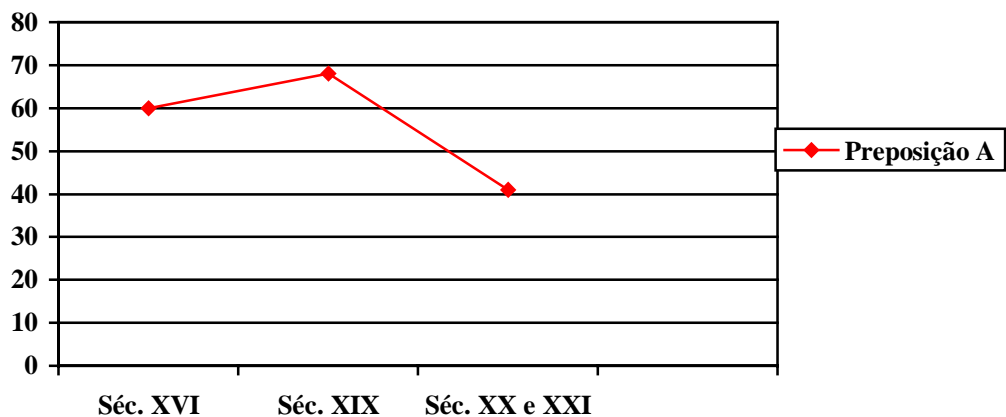
Passaremos a uma visualização de gráfico com a evolução da preposição *a* nos três séculos pesquisados.

6.4 DISTRIBUIÇÃO DE A NOS SÉCULOS

No Gráfico-1 abaixo podemos observar o comportamento da preposição *a*, através dos séculos XVI, XIX, XX e XXI.

Ele mostra claramente a queda de *a* para indicar direção no sentido de interioridade.

Gráfico 1 da Preposição *A* através dos Três Séculos



No século XVI, *a* surge já invadindo o campo semântico de *em*. Ambas *a* e *em* eram empregadas com os mesmos tipos de verbos, quando estes indicavam movimento em direção a algum lugar.

Há uma ascensão de *a* no século XIX. Podemos atribuir este fato a implantação da norma culta conforme Pagotto (MS- SD). Os documentos do corpus deste período são cartas de leitores enviadas aos jornais e peças de teatro. Os autores teatrais e as pessoas que escreviam para os jornais da época possuíam domínio da escrita que era normatizada conforme a elite desejava. Isto pode esclarecer o aumento no uso de *a* nesta época.

Por fim, nos séculos XX e XXI, ocorre o ápice da preposição *em* indicando direção com sentido de interioridade e queda acentuada da preposição *a* empregada neste sentido.

Observamos que houve decréscimo de *a* e conseqüente aumento de *em*.

Nossa análise por século demonstrou que, no período em que o português foi implantado no Brasil, ou seja, no século XVI, o fato de a preposição *a* preceder sintagmas nominais masculinos, em documentos de teatro, indicando noção era favorável ao seu emprego pelo falante. Há também neste espaço de tempo, uma tendência de o fator Sujeito Nulo ou VS favorecer o uso da mesma preposição. Somando-se a isto o fato de o verbo estar na forma nominal gerúndio. Essa preposição era também empregada em sua forma simples o que favorecia também o seu uso em detrimento da forma contraída com artigos ou pronomes.

"Ásia" serviu como corpus nesta análise. Sendo o autor deste relato também o autor da primeira gramática de língua portuguesa, esperaríamos que este documento fosse favorável ao uso de *a*. Não foi o que ocorreu provavelmente em seus relatos João de Barros não tenha sido tão rigoroso.

Quanto às peças de teatro também influírem no uso de *a*, indica que os autores da época, escreviam desta forma pois era esta a gramática do povo também naquela época.

"Noção" é o significado mais influente para *a* neste período. Em todas as ocorrências, que *a* foi codificado com o significado de "noção", existe o sentido de direção com interioridade. Portanto, houve interpenetração de *a* no campo semântico de *em* com alguns verbos de movimento.

Fica mais evidente esta interpenetração, quando verificamos os dados em que *a* aparece com o verbo em sua forma nominal gerúndio. Este fator também foi considerado relevante neste século para o emprego de *a*.

No século XIX, a tendência para o uso de *a* com Sujeito Nulo permanece. Muito provavelmente, isto acontece devido neste século terem se fixado as normas do português no Brasil. Os dados deste século foram retirados de cartas de leitores enviadas aos jornais da época. As pessoas que mandavam cartas a jornais neste período no Brasil provavelmente pertenciam a uma parcela da população com acesso à escola, portanto, escreviam conforme as normas fixadas, ou seja, empregando a preposição *a* e o sujeito nulo.

O fato de o documento carta ter sido considerado favorável ao emprego da preposição *a*, colabora com o exposto no parágrafo anterior.

Finalmente para este espaço de tempo pesquisado, a flexão verbal indica que para se utilizar *a* é importante que o verbo esteja no infinitivo. Esta também era uma exigência no século anterior juntamente com a forma nominal gerúndio, agora passa a ser em conjunto com verbo flexionado. Curioso é o fato de em Portugal ser bastante comum expressões com verbos no infinitivo e preposição *a*.

Finalmente nos séculos XX e XXI, temos novamente o gênero masculino como favorável ao emprego de *a*. "Noção" atinge números que permitem a nós concluirmos que é quase categórico o emprego de *a* com este significado. O documento teatro, passa a ter mais relevância do que carta.

Nos séculos pesquisados, entre todos os fatores escolhidos foram selecionados quatro como favoráveis ao emprego da preposição *em*. O primeiro deles feminino, indicando que para evitar a crase (fusão do artigo *a* mais a preposição *a*) os falantes quando empregam alguns verbos de movimento optem por *em*. O segundo fator foi sujeito nulo, nos séculos XX e XXI, que passou a favorecer o uso de *em*. Isso demonstra que mesmo em construções com um certo rigor gramatical (sujeito nulo), substitui-se *a* por *em*. No século anterior esta construção favorecia *a*. "Espaço" é o terceiro fator e o traço significativo fundamental de *em*, por isso, neste como em todos os outros séculos foi considerado relevante. Finalmente temos a flexão verbal onde gerúndio foi selecionado no século XVI como fator importante para o uso de *a*, neste século, passou a condicionar o emprego de *em*.

Ao nosso ver foi neste tipo de construção que *a* invadiu o campo semântico de *em* conforme já comentamos no quinto parágrafo desta conclusão. O infinitivo, relevante para *a* no século anterior, agora passa a condicionar *em*, o que confirma também que foi nesta estrutura que houve invasão de *a*.

No último capítulo, tentaremos responder às questões que deram origem a este trabalho.

7 CONCLUSÃO

Há uma tendência a se exigir o uso da preposição *a*, tendência esta amparada pelas gramáticas normativas.

Este rigor é herança da gramática portuguesa do século XVI.

No português brasileiro, é fato que a preposição *em* é mais utilizada com alguns verbos de movimento do que a preposição *a*.

A construção de alguns verbos que indicam movimento com a preposição *em* já era utilizada no português no século XVI, que veio juntamente com os primeiros portugueses que aqui desembarcaram no ano de 1500 e deram início a nossa colonização.

Este fato sugere ser o português brasileiro uma língua de caráter conservador devido a razões expostas por Castilho. Mas também, indica uma mudança ou parte de uma mudança em relação ao atual português europeu, pois sendo as duas modalidades originárias daquela do século XVI, este evento comprovaria que houve uma bifurcação no caminho destas variedades. O português europeu optando pela preposição *a* e o português brasileiro pela preposição *em*.

A preposição *em* que deve ser a variante de *a*, aparece entre as primeiras preposições na aquisição de português brasileiro.

A preposição *a* não aparecendo na aquisição, implica no fato dela não fazer parte da gramática atual, aparecendo nos dados recentes do português brasileiro influenciada pelo fator escolaridade. Este fator é altamente relevante para que os falantes passem a utilizar a preposição *a*, o que converge com os resultados do trabalho de Gomes (2000), onde há uma sugestão de que o falante opta por apagamento da preposição ou evita-a optando pela preposição *para*.

Corroboramos para que a escola exija a construção com a preposição *a*, a forma como as elites que aqui se instalaram no século XIX. Apoiando a independência do Brasil, ajudaram a construir uma língua que as identificassem culturalmente com Portugal.

A variação de emprego das preposições *a* e *em*, pode ser analisada como parte de uma mudança lingüística. Esta mudança, parece-nos estar eliminando a preposição *a* do português brasileiro. Ramo (1992) comprova este fato e conclui estar havendo tendência decrescente no uso de *a*, tanto para introduzir

NPs que substituem clíticos acusativos como também NPs que substituem clíticos dativos.

Quanto ao que se esconde por trás do uso de *a/em*, é tudo o que foi explanado nesse trabalho; se *a* é empregado com SNs com núcleos masculinos, indicando noção; *em* por sua vez é empregado com SNs com núcleos femininos, indicando espaço.

A contração está entre as propriedades de ambas as preposições que pode indicar um caminho para aprofundar esse trabalho, entre tantos outros. Algo que poderíamos chamar de volume sonoro, talvez implique no não uso de *a* com núcleos femininos, pois é um artigo semelhante em pronúncia e grafia a essa preposição. Isto facilitaria o emprego de *em* pois esta preposição, além de possuir maior volume sonoro, quando se contrai com os artigos, muda esse volume em relação à preposição original, tanto com núcleos masculinos como com núcleos femininos. Poderíamos hipotetizar que o resultado dessa contração estaria tão distante da preposição original que não seria mais a mesma.

Seriam necessários também mais estudos sobre a preposição *para* que, além de estar entre as primeiras no processo de aquisição do Português Brasileiro, parece também ter a propriedade de indicar direção no mesmo sentido de interioridade que *a*, além do fato de também possuir a propriedade da contração. Também é interessante notar, que em sua forma simples sem contração, *para* possui características semelhantes a *em*, modificando completamente seu volume sonoro e produzindo uma forma reduzida diferente da forma simples, a saber: *pra*, que não sabemos se possui contração com artigo; e *pro*, que provavelmente seja a contração de *para+o*.

Seria interessante além do exposto acima, uma pesquisa com referência ao português europeu para verificar se há preferência pela preposição *a* naquela variedade lingüística .

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes. Gramática Metodológica da Língua Portuguesa. 24^a ed. São Paulo, Saraiva, 1973.
- BARROS, João de . Gramática da Língua Portuguesa Cartinha, Gramática, Diálogo Em Louvor da Nossa Linguagem e Diálogo da Viciosa Vergonha. Reprodução Facsimilada, Leitura, Introdução e Anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa, 1971
- BORBA, Francisco da Silva. Uma Gramática de Valências para o Português. São Paulo, Ática, 1996.
- BORTOLOTTI, Mário. Seis Peças de Mário Bortolotto. Londrina, Midiograf, 1997.
- CAMARA Jr, Joaquim Mattoso. História e Estrutura da Língua Portuguesa. 4^a ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1985.
- CASTILHO, Ataliba T. de. In ILARI, Rodolfo. Lingüística Românica.3^a ed. São Paulo, Ática, 2000.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa. 39^a ed. Editora Nacional, 1996.
- CUNHA, Celso Ferreira e CINTRA, Luis Filipe Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 2^aed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira ,1985.
- CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. Uma Proposta para o Estudo da Sintaxe Diacrônica no Português Brasileiro. In Para a História do Português Brasileiro.(org.) Ataliba T. de Castilho. São Paulo, Humanitas, 1998.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. A Sociolingüística Paramétrica: Perspectivas. MS,I Simpósio Nacional de Estudos Lingüísticos, 02-05/09/1997.
- _____.A Perda do Princípio "Evite Pronome" no Português Brasileiro. Tese de Doutorado,Unicamp,1995.

FALABELLA, Miguel. No Coração do Brasil. Teatro

FARACO, Carlos Alberto. Lingüística Histórica. 2ª ed. São Paulo, Ática, 1998.

FÁVERO, Leonor Lopes. As Concepções Lingüísticas no Século XVIII. Campinas, Editora da Unicamp, 1996.

FRANÇA JÚNIOR, Joaquim José de. Teatro de França Júnior, Tomo I. Rio de Janeiro, Serviço Nacional de Teatro, Fundação Nacional de Arte, 1980

FOLHA de São Paulo, Painel do Leitor maio a junho de 2001.

FORD, J.D.M. Letters of John III King of Portugal 1521-1557. The Portuguese Text Edited with an Introduction. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1931.

GOMES, Christina Abreu. Directionality in Linguistic Change and Acquisition. Language Variation and Change, 11(213-230) Cambridge University Press, 1999.

LELLO& Irmão Editores. Obras de Gil Vicente. Porto.1965.

LESSA, Luiz Carlos. O Modernismo Brasileiro e a Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1966.

MARTINS PENA, Luís Carlos. O Namorador ou A Noite de São João. São Paulo, Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1957.

MOLLICA, Maria Cecília (org.) Modelos Quantitativos e Tratamento Estatístico. Naro, Anthony J. in Cadernos Didáticos UFRJ, pág. 17-25.

MONTEIRO, Clóvis. Português da Europa e Português da América - Aspectos da Evolução do Nosso Idioma, 3ª ed.. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1959.

MÜLLER, Mary Stela. CORNELSEN, Julce Mary. Normas e Padrões para Teses, Dissertações e Monografias.3ª ed. Londrina, Editora da Uel,2001.

NASCENTES, Antenor. O Idioma Nacional. 5ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1965.

NETZ, Sandra Regina. Fatores na Determinação do Significado das Preposições em Inglês e Português Aplicados na Tradução Automática. Cadernos do IL, UFRS, Instituto de Letras, 15:36-45,1996.

PAGOTTO, Emilio Gozze. Gramatização e Normatização - Entre o Discurso Polêmico e o Científico. UFSC, MS, SD

____ Norma e Condescendência ; Ciência e Pureza. UFSC, MS, SD

PERRONI, Maria Cecília. Para na Gramática Infantil do Português Brasileiro. Letras de Hoje, Porto Alegre, [nº 117] 34 (3), 83-100, set. 1999.

PESSOA, Marlos de Barros. Corpus dos Sub-Projetos: As Orações Relativas em Textos Brasileiros dos Séculos XVIII / XIX e A Ortografia dos Séculos XVIII / XIX.

RAMOS, Jânia. Marcação de Caso e Mudança Sintática no Português do Brasil. Tese de Doutorado. Campinas, Unicamp, 1992.

RAMOS, Rejane Maruá Sampedro. A Teoria dos Casos na Análise do Uso de Preposições em Inglês. In Letras de Hoje, nº 50, Dez/1982.

REHFELDT, Gladis Knak. Polissemia e Campos Semânticos (estudo aplicado aos verbos de movimento. Porto Alegre, Edurgs, 1980.

REVISTA A Galeria Ilustrada - 1888/ 1889 Correio Da Casa Cartas Abertas

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 15ª ed. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1972.

SOUSA DA SILVEIRA. Lições de Português. 7ª ed. Rio de Janeiro, Livro de Portugal,1964.

TARALLO, Fernando. Tempos Lingüísticos. São Paulo, Ática,1990

TEYSSIER, Paul. Coleção Lingüística. Manual de Língua Portuguesa. Coimbra Editora. 1989.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALMEIDA, Napoleão Mendes. Gramática Metodológica da Língua Portuguesa. 24ª ed. São Paulo, Saraiva, 1973.

AMARAL, Amadeu. O Dialeto Caipira. 4ª ed. São Paulo, Hucitec, 1982.

AMORA, A. Soares. Presença da Literatura Portuguesa II. Era Clássica. 2ª ed. São Paulo, Edipe, s.d.

BARROS, João de. Gramática da Língua Portuguesa Cartinha, Gramática, Diálogo Em Louvor da Nossa Linguagem e Diálogo da Viciosa Vergonha. Reprodução Facsimilada, Leitura, Introdução e Anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa, 1971

BORBA, Francisco da Silva. Uma Gramática de Valências para o Português. São Paulo, Ática, 1996.

_____. Introdução aos Estudos Lingüísticos. 12ª ed. São Paulo, Pontes, 1998.

_____. Empregos Ibéricos da Preposição de. Alfa, Marília, 7/8: 173-198, 1965.

BOTELHO PEREIRA, Maria Angela. RONCARATI, Cláudia Nívia. O Caso do Sujeito em Orações Infinitivas Introduzidas por Para no Português do Rio. D.E.L.T.A. Vol.9, nº 1, 1993.

BORTOLOTTI, Mário. Seis Peças de Mário Bortolotto. Londrina, Midiograf, 1997.
CAMARA Jr, Joaquim Mattoso. História e Estrutura da Língua Portuguesa. 4ª ed. Rio de Janeiro, Padrão, 1985.

CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa. 39ª ed. Editora Nacional, 1996.

COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil - Relações e Perspectiva - Conclusão. Vol.6. São Paulo. Global Ediotra, 1997.

COUTINHO, Ismael de Lima. Gramática Histórica. 6ªed. Rio de Janeiro. Livraria Acadêmica.1970.

CUNHA, Celso Ferreira e CINTRA, Luis Filipe Lindley. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 2ªed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira ,1985.

CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. Uma Proposta para o Estudo da Sintaxe Diacrônica no Português Brasileiro. In Para a História do Português Brasileiro.(org.) Ataliba T. de Castilho. São Paulo, Humanitas, 1998.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia Duarte. A Sociolingüística Paramétrica: Perspectivas. MS,I Simpósio Nacional de Estudos Lingüísticos, 02-05/09/1997.

_____. A Perda do Princípio "Evite Pronome" No Português Brasileiro. Tese de Doutorado. Campinas, Unicamp, 1995

FALABELLA, Miguel. No Coração do Brasil.Teatro.

FARACO, Carlos Alberto. Lingüística Histórica. 2ª ed. São Paulo, Ática, 1998.

FÁVERO, Leonor Lopes. As Concepções Lingüísticas no Século XVIII. Campinas, Editora da Unicamp, 1996.

FOLHA de São Paulo, Painel do Leitor maio a junho de 2001.

FORD, J.D.M. Letters of John III King of Portugal 1521-1557. The Portuguese Text Edited with an Introduction. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1931.

FRANÇA JÚNIOR , Joaquim José de. Teatro de França Júnior, Tomo I. Rio de Janeiro, Serviço Nacional deTeatro, Fundação Nacvinal de Arte, 1980

GOMES, Christina Abreu. Directionality in Linguistic Change and Acquisition. Language Variation and Change, 11(213-230) Cambridge University Press, 1999.

GURPILHARES, Marlene Silva Sardinha. O Problema da Transitividade nos Verbos de Movimento. Letras & Letras, Uberlândia, 2 (1): 133-152, mar., 1986.

HAUY, Amini Boainain. História da Língua Portuguesa. séc. XII,XIII e XIV. 2ª ed. São Paulo. Ática.1994.

HENRIQUES, Eunice Ribeiro. Preposições: por que são Difíceis para Aprendizes Estrangeiros? Revista Internacional de Língua Portuguesa, Lisboa , 7:18-130, jul, 1992.

HOUAISS, A . O português do Brasil . Rio de Janeiro. Revan . 1992.

ILARI, Rodolfo. Lingüística Românica.3ª ed. São Paulo,Ática, 2000.

KLEIN, Jared S. Preposition in Old and Middle English- crítica de livro. Language , Baltimore, 70 (3): 610, 1994.

LAPA, Manoel Rodrigues. Estilística da Língua Portuguesa. 5ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1968

____Historiadores Quinhentistas. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1960.

LELLO& Irmão Editores. Obras de Gil Vicente. Porto.1965.

LESSA, Luiz Carlos. O Modernismo Brasileiro e a Língua Portuguesa. Rio de janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1966.

LIMA, Alceu Amoroso CORREA, Roberto A. Nossos Clássicos. A Carta de Pero Vaz de Caminha. Rio de Janeiro, Agir, 1965.

MARROQUIM, Mário. A Língua do Nordeste (Alagoas e Pernambuco) 6ªed. Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional,1945.

MARTINS PENA, Luís Carlos. O Namorador ou A Noite de São João. São Paulo, Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1957.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. O Português Arcaico. São Paulo ,Contexto, 1994.

MELO, Gladstone Chaves de. A Língua do Brasil. Rio de Janeiro, Agir,1946.

MIOTO, Carlos et al. Manual de Sintaxe. 2ª ed. Florianópolis, Editora Insular, 2000

MONTEIRO, Clóvis. Português da Europa e Português da América - Aspectos da Evolução do Nosso Idioma, 3ª ed.. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica , 1959.

MORAIS, Maria Aparecida Torres. Para uma Abordagem Diacrônica do Português Brasileiro. In Para a História do Português Brasileiro. (org.) Ataliba T. de Castilho. São Paulo, Humanitas , 1998.

MÜLLER, Mary Stela. CORNELSEN, Julce Mary. Normas e Padrões para Teses, Dissertações e Monografias. 3ª ed. Londrina, Editora da Uel, 2001

NASCENTES, Antenor. O Idioma Nacional. 5ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1965.

NETO, Serafim da Silva. Língua, Cultura e Civilização. Rio de Janeiro. Acadêmica. 1960

NETZ, Sandra Regina. Fatores na Determinação do Significado das Preposições em Inglês e Português Aplicados na Tradução Automática. Cadernos do IL, UFRS, Instituto de Letras, 15:36-45, 1996.

NUNES, José Joaquim. Crestomatia Arcaica. Excertos de Literatura Portuguesa desde o que mais antigo se conhece até o século XVI. 6ª ed. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1970

OBRAS de Gil Vicente. Porto, Lello & Irmão - Editores, 1965.

PAGOTTO, Emilio Gozze. Gramatização e Normatização - Entre o Discurso Polêmico e o Científico. UFSC, MS, SD

____ Norma e Condescendência ; Ciência e Pureza. UFSC, MS, SD

PAIVA, Dulce de Faria. História da Língua Portuguesa Séc. XV e meados século XVI. São Paulo. Ática. 1988.

PAREDES, Vera. Considerações Sobre os Complementos Verbais Regidos de A . In Revista Brasileira de Lingüística, Vol. 3 nº 1. 1976.

PEIXOTO, Fernando Venâncio. Noções de História da Língua Portuguesa. Lisboa, Livraria Clássica, 1967.

PERRONI, Maria Cecília. Para na Gramática Infantil do Português Brasileiro. Letras de Hoje, Porto Alegre, [nº 117] 34 (3), 83-100, set. 1999.

PRADO, Décio de Almeida. História Concisa do Teatro Brasileiro(1570-1908).São Paulo, Edusp, 1999.

PESSOA, Marlos de Barros. Corpus dos Sub-Projetos: As Orações Relativas em Textos Brasileiros dos Séculos XVIII / XIX e A Ortografia dos Séculos XVIII / XIX.

RAMOS, Jânia. Marcação de Caso e Mudança Sintática no Português do Brasil. Tese de Doutorado. Campinas, Unicamp, 1992.

RAMOS, Rejane Maruá Sampedro. A Teoria dos Casos na Análise do Uso de Preposições em Inglês. In Letras de Hoje, nº 50, Dez/1982.

_____. Um Plano para a Sintaxe Diacrônica no Português Brasileiro. In Para a História do Português Brasileiro.(org. Ataliba T. de Castilho).São Paulo, Humanitas, 1998

REHFELDT, Gladis Knak. Polissemia e Campos Semânticos (estudo aplicado aos verbos de movimento. Porto Alegre, Edurgs, 1980.

REVISTA A Galeria Ilustrada - 1888/ 1889 Correio Da Casa Cartas Abertas

ROBERTS, Ian. KATO, Mary A (orgs.) Português Brasileiro - Uma Viagem Diacrônica. 2ª ed. Campinas. Editora da Unicamp.1996.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 15ª ed. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1972.

SARAIVA, Antonio José. Teatro de Gil Vicente. Lisboa, Dinalivros,1988.

SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca. Análise Funcional da Elipse de Preposições. In Ensaio de Lingüística Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura. (Org.) Maria Cristina Magno e Yara Goulart. Belo Horizonte, Número 11, Dez/1984.

SÊCCO, Glacy Camargo. Sintagma Preposicional. Uniletras, Ponta Grossa, 3: 51-65, 1981.

____ Aspectos da Sintaxe Quinhentista nos Lusíadas. Ponta Grossa, Editora UEPG, 1998.

SILVEIRA BUENO, Francisco da. Estudos de Filologia Portuguesa. São Paulo, Edição Saraiva, 1967.

SOUSA DA SILVEIRA. Lições de Português. 7ª ed. Rio de Janeiro, Livro de Portugal, 1964.

TARALLO, Fernando. Tempos Lingüísticos. São Paulo, Ática, 1990

TEYSSIER, Paul. Coleção Lingüística. Manual de Língua Portuguesa. Coimbra Editora. 1989.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Sobre as Possíveis Razões da Ausência e Presença da Preposição no Objeto Direto. Letras & Letras, Uberlândia, 1:15-38, 1985.

VILEFORT, Mariza T. Costa. Aspectos Sintáticos do Dialeto Caipira na Região de Morrinhos. Goiânia. 1985.

DOCUMENTOS UTILIZADOS PARA O CORPUS

Luís Vaz de Camões	El-Rei Seleuco
Luís Vaz de Camões	Filodemo
Gil Vicente	Farsa de Inês Pereira
Gil Vicente	Auto da Índia
João de Barros	Ásia
João III de Portugal	Cartas
Revista Galeria Ilustrada	1888/ 1889
França Júnior Maldita Parentela,	Entre Para o Clube Jácome, Dois
Proveitos em um Saco,	
A Lotação dos Bondes	
Mario Bortolotto Medusa de Rayban,	Vamos Sair da Chuva
Quando a Bomba Cair,	Fuck you, Baby
Miguel Falabella	No Coração do Brasil
Diversos Jornal Folha de São Paulo- Seção	
Painel do Leitor- Maio a Junho de 2001	